

A colecção «CASCAIS TEMPOS ANTIGOS» tem por objectivo a publicação de estudos monográficos sobre o passado mais remoto da área que é hoje o concelho de Cascais e da sua envolvente imediata, das origens à emergência da nacionalidade. No entanto, em situações concretas, o âmbito geográfico da colecção pode ser alargado.

Entre 2900 e 2000 antes da nossa era, as Penínsulas de Lisboa e Setúbal compartilharam uma unidade cultural apreciável, designada por Savory como a «Cultura do Tejo». Os monumentos e sítios desse período, e da fase que o antecede, são o objecto das primeiras publicações de esta colecção, incluindo necrópoles como Porto Covo, Poço Velho, Alapraia e S. Pedro do Estoril.

Os materiais de antigas escavações, tal como os que resultam de projectos que, em colaboração com a autarquia, estão neste momento a decorrer, ou em curso de programação, serão assim alvo de publicações monográficas «definitivas».

A colecção «CASCAIS TEMPOS ANTIGOS» é dirigida por Victor S. Gonçalves, professor catedrático da Universidade de Lisboa e Director da UNIARQ (o Centro de Arqueologia da U.L.), responsável pelo projecto CASCA (Cascais: as antigas sociedades camponesas).

Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal

Este colóquio internacional TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA constitui o terceiro de uma série de encontros promovidos pela UNIARQ e pela Câmara Municipal de Cascais cujo objectivo é a análise dos processos de mudança da segunda metade do 4.º milénio e do 3.º milénio a.n.e. Centram-se no Centro e Sul de Portugal, mas ultrapassam as actuais fronteiras, para leituras cruzadas. Cascais tem constituído o ponto de encontro desses colóquios (1993, 1995, 2005), retomando a projecção internacional que conheceu nas décadas de 50 e 60 no meio da Arqueologia pré-histórica.

O 3.º Colóquio Internacional agora editado, decorre entre 4 e 7 de Outubro de 2005, no Centro Cultural de Cascais, tendo sido organizado em três secções. A primeira secção foi intitulada *Sítios, Paisagens e Dia-onias* e conta com contribuições de Ana Catarina Sousa, João Luís Cardoso, Mikhael Kunst, Victor S. Gonçalves, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Rui Matafoto, António Alfaro, Elena Morán, Carolina Grilo. A secção *O sagrado, os ritos e os espaços da morte* integra contribuições de Rui Boaventura, Jorge de Oliveira, Leonor Rocha, Rui Parreira e Ana Maria Silva. O Centro e Sul de Portugal é integrado num espaço mais vasto na secção *A Sul e a Oriente, novas sítios, monumentose sítios*, com contribuições de Enrique Cerrillo Cuenca, José María Fernández, Francisco Javier Heras Mora, Alicia Prada Gallardo, José Antonio López Sáez, Francisco Nocete, Nuno F. Inácio, Moisés R. Bayona, María D. Cámalich Massieu, Dimas Martín Socas, Rafael Lizcano Prestel, Ana Peramo De La Corte, Esther Álex Tur, José Ramos, P. Bueno Ramirez, R. de Balbín Behrman, Rosa Barroso Bermejo.

Num espaço e tempo relativamente restritos, a série TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA procura efectuar sucessivos pontos de situação do registo arqueológico e das perspectivas de interpretação dos mesmos, privilegiando espaços de debate. Nesta perspectiva, foram organizadas duas sessões: Fortificar o quê, como, porquê e para quê e A evolução e a cronologia dos modelos construtivos megalíticos, ambos coordenados por Victor S. Gonçalves.

Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.

TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL: O 4.º E O 3.º MILÉNIOS A.N.E.
VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.



Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

Actas do Colóquio Internacional
(Cascais, 4-7 Outubro 2005)

Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

Actas do Colóquio Internacional
(Cascais, 4-7 Outubro 2005)

VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.

Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

Actas do Colóquio Internacional
(Cascais, 4-7 Outubro 2005)

O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados das escavações efectuadas em 2005

■ João Luís Cardoso*

R E S U M O Apresentam-se os resultados da primeira campanha de escavações realizada no povoado pré-histórico de Outeiro Redondo, Sesimbra, em 2005, ao abrigo de um Projecto de Investigação superiormente aprovado e financiado pelo Instituto Português de Arqueologia e dirigido pelo signatário.

Os trabalhos realizados vieram demonstrar a alta importância científica e patrimonial desta estação arqueológica, tanto ao nível das estruturas encontradas, como da estratigrafia, cujo significado cronológico-cultural, por seu turno, foi determinado tendo presente o rico registo arqueológico correspondente.

Com efeito, identificou-se dispositivo defensivo constituído pelo menos por um circuito muralhado, em torno da acrópole rochosa, que coroa a elevação, constituído por um pano de muralha e um bastião avançado, funcionando como a barbacã, o qual flanqueia uma entrada bem definida. A sua construção remonta a fase já avançada do Calcolítico pleno da Estremadura, tendo presente que o conjunto edificado assenta em camada com materiais característicos desta fase cultural (Camada 2). Esta constatação é de grande interesse, tendo presente que, em geral, a construção destas fortificações é atribuída a fases anteriores, do Calcolítico inicial, como se verificou em Leceia, entre outros casos. Por outro lado, a vida útil da fortificação foi muito reduzida, talvez de escassas dezenas de anos, visto não se terem encontrado materiais ulteriores à referida fase cultural, exceptuando talvez dois fragmentos de vasos campaniformes de tipo “marítimo” recolhidos na Camada 1.

Os níveis pré-fortificação, pertencentes ao Calcolítico pleno (Camada 2) e ao Calcolítico inicial (Camada 3) atingem, no total, a potência máxima de cerca de 1,20 m, e encerram um rico e diversificado espólio arqueológico, integralmente desenhado (exceptuando as cerâmicas lisas), no qual se apoiou a sequência cultural proposta, especialmente o grupo constituído pela olaria decorada. Do conjunto exumado fazem parte peças de sílex, cobre e anfíbolito, matérias-primas com origens diversificadas e que demonstram a pujança económica das populações que, no decurso do Calcolítico, se sediaram no topo do cabeço.

A B S T R A C T In this study we present the results of the first excavation campaign performed in the chalcolithic fortification of Sesimbra, in 2005, under the sponsorship of a Research Project approved and funded by the Instituto Português de Arqueologia, directed by the author. The works undertaken demonstrated the scientific importance of this archeological site, in what concerns the structures found, related with a well preserved stratigraphic sequence, whose chrono-cultural meaning was determined using the rich archeological.

A defensive structure was identified, composed of at least one fortified circuit, around the rocky acropole that crowns the elevation constituted by a wall and a bastion, aside a well defined entrance. It dates from a late phase of the Middle Calcolithic of Estremadura, considering the structure is over a layer of materials characteristic of this period (Layer 2). This observation is of great interest if one remembers that in general the construction of such fortifications is considered to occur in the Earlier Calcolithic, as it was the case in Leceia, among other exam-

ples. On the other hand, the life of the fortification was very reduced, may be just a few decades, because no materials ulterior to this cultural phase were found, except two fragments of campaniform pottery of the maritime type collected in Layer 1.

The pre-fortification layers from the Middle Calcolitic (Layer 2) and Early Calcolithic (Layer 3) reached the maximum development of 1.2 m and included a rich and diversified archeological data, totally drawn (except for the non-decorated pottery) upon which the proposed cultural sequence was based, especially on the group of decorated pottery. The archaeological remains obtained also included artifacts of flint, copper and amphibolite, from various origins, demonstrating the economic welfare of the populations that, during the Calcolithic, inhabit the top of the hill.

1. Introdução

O povoado pré-histórico de Sesimbra, cuja investigação arqueológica constitui o objecto do Projecto que, com o mesmo nome, foi submetido pelo signatário ao Instituto Português de Arqueologia em Junho de 2003 e seleccionado para financiamento no âmbito do PNTA/2004, situa-se em elevação isolada, constituindo, com o morro do castelo de Sesimbra e o morro do Moinho da Forca, uma linha de relevos de calcários duros do Jurássico Superior (“Calcários de Azóia”) com orientação Nordeste-Sudoeste, integrando-se em terrenos da Casa da Mesquita (Santana).

Aquando do contacto com os proprietários, para obtenção da respectiva autorização, o morro onde se implanta o povoado pré-histórico foi designado por “Outeiro Redondo”, razão por que foi este o topónimo adoptado no presente Relatório e em futuros trabalhos que se vierem a realizar.

As respectivas coordenadas são as seguintes: 38° 27' 16" lat. N; 9° 06' 02" long. W de Greenwich.

Esta estação arqueológica foi descoberta pelo Arq. Gustavo Marques a 24 de Junho de 1966, tendo sido objecto de comunicação que, logo a 30 desse mês, o seu descobridor apresentou à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, sob a designação de “Outeiro Pequeno” (cf. Acta n.º 82 da Secção de Arqueologia). Esta comunicação teve seguimento nas sessões realizadas nos dias 24 de Novembro e 15 de Dezembro de 1966, sob o título “Prospecção superficial no castro de Sesimbra”, tendo então apresentado e comentado “os mais típicos materiais recolhidos durante a prospecção e duma pequena sondagem estratigráfica” (cf. Acta n.º 86 da Secção de Arqueologia). A publicação destas pri-

meiras descobertas foi concretizada logo no ano seguinte (Marques, 1967), tendo então sido registado, que, “espalhados pela superfície do terreno, em rápido declive para sul, observam-se alguns blocos de calcário, por vezes reunidos, formando recintos de ténue configuração” (p. 10). Com efeito, a interpretação de tais alinhamentos, como estruturas defensivas, integrando duas linhas muralhadas, a mais interna munida de “torreões”, envolvente da acrópole rochosa que coroa a elevação, encontra-se expressivamente apresentada em esboço, contido no caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativo ao ano de 1966, executado em data imediatamente ulterior à primeira apresentação de Gustavo Marques, entretanto publicado (Cardoso, 2001, p. 36).

Gustavo Marques, que não desconhecia o valor científico da estação que descobrira, valorizado pela existência de estruturas e de estratigrafias, a par de numerosos materiais recuperados em sucessivas campanhas de escavações efectuadas, não voltou, no entanto, a publicar qualquer outro estudo sobre o sítio. Actualmente, os materiais por si exumados nesta estação conservam-se provisoriamente no Museu Nacional de Arqueologia, onde foram integralmente estudados e desenhados entre Outubro de 2004 e Janeiro de 2005, encontrando-se no prelo a respectiva publicação (Cardoso, 2009).

No entanto, a completa valorização destes materiais encontra-se prejudicada pela falta dos correspondentes registos de campo, que ainda não se encontram entre a documentação remetida pelos herdeiros de Gustavo Marques ao referido Museu. Seja como for, as indicações apostas nas peças permitem concluir que Gustavo Marques procedeu a sondagens/escavações limitadas no local, além das realizadas logo após a descoberta da esta-



Fig. 1 Localização do povoado pré-histórico do Outeiro Redondo na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000 (Folha n.º 464, Sesimbra). Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército. Edição de 1964. Comprimento da quadrícula: 1 km.

ção, em 1966, 1967, Outubro de 1973, Setembro de 1974 e Agosto e Setembro de 1976.

As escavações arqueológicas efectuadas em 2005 foram as primeiras que ali se verificaram, após os referidos trabalhos.

Cumprir, antes de mais, agradecer aos proprietários do terreno, os Senhores Engenheiros Eduardo Francisco Caupers e Diogo José Caupers, a cordialidade com que receberam o signatário na Casa da Mesquita, bem como a autorização, prontamente concedida, para a realização dos trabalhos arqueológicos de 2005, cujos resultados serão agora apresentados.

Os trabalhos de campo decorreram em três fases distintas, entre finais de Maio e finais de Outubro de 2005, sempre sob a direcção e coordenação pessoal e directa do signatário, tendo como entidade financiadora o Instituto Português de Arqueologia, ao abrigo do Projecto de Investigação supra referido.

A primeira fase, realizada entre os dias 27 de Maio e 17 de Junho de 2005, totalizou 16 dias úteis de trabalho. Nela participaram, além dos elementos portugueses da equipa que vieram a dar continuidade aos trabalhos nas duas fases subsequentes e cujos nomes serão adiante indicados, um grupo de 12 estudantes da Licenciatura em Antropologia da Universidade de Toronto, acompanhados da Doutora Mirjana Roksardic, no âmbito de um programa de formação e cooperação inter-universitário luso-canadiano estabelecido com a Universidade Autónoma de Lisboa, através do Prof. José Manuel Rolão, a quem cumpre agradecer os apoios logísticos disponibilizados e o interesse com que acompanhou pessoalmente os trabalhos.

A segunda fase e a terceira fase foram asseguradas apenas pela parte portuguesa, com a participação dos

elementos que já tinham colaborado na primeira fase dos trabalhos, sendo constituída por diversos alunos da variante de Arqueologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, ou por jovens licenciados que, desde há vários anos têm colaborado assiduamente com o signatário em outros trabalhos de campo:

- Filipe Santos Martins;
- Diogo Filipe Rodrigues Paiva;
- Sofia Isabel Monteiro de Albuquerque;
- Filipe Carlos Castanheira Nunes;
- Marta Fonseca Araújo.

No decurso da primeira fase dos trabalhos, verificou-se a presença recorrente de escavadores clandestinos no local – por certo atraídos pela presença da numerosa equipa – os quais foram responsáveis pela abertura, a picareta, de uma “cratera”, com 3 a 4 metros de comprimento e a curta distância da área escavada. Esta situação foi comunicada pelo signatário ao Director do Instituto Português de Arqueologia, Dr. Fernando Real, que imediatamente oficiou, a 28 de Junho de 2005, o Comandante do Posto Territorial da Guarda Nacional Republicana de Sesimbra no sentido de manter o local sob vigilância, facilitada por este ser facilmente visível ao longe. Esta intervenção poderá estar na origem da as referidas acções clandestinas não terem conhecido continuidade.

2. Trabalhos realizados

O povoado pré-histórico de Outeiro Redondo, Sesimbra é dominado por uma acrópole rochosa (Fig. 2), constituída por calcários duros brancos do Jurássico Superior, muito tectonizados, idêntica à observada em outros povoados congêneres, como o de Olelas, no concelho de



Fig. 2 O Outeiro Redondo visto do lado norte. Note-se o topo da elevação, correspondente a afloramento de calcários duros do Jurássico Superior.



Fig. 3 O Outeiro Redondo visto do lado sul, notando-se a área escavada, do lado direito da clareira.

Sintra (Gonçalves, 1990/1992). A partir desta área sobre-elevada, as encostas descaem abruptamente do lado norte e oriental; do lado poente, o declive é menos acentuado, embora se encontre pontuado de grandes afloramentos rochosos e coberto de espessa manta de carrascos (*Quercus coccifera*) que tornam pouco convidativos os trabalhos arqueológicos que deste lado se fizessem. É do lado sul, voltado para a baía de Sesimbra, que dali se domina amplamente, que se desenvolve uma plataforma despida de vegetação, logo abaixo da acrópole rochosa (Fig. 3), com cerca de 10 metros de largura, inferiormente delimitada por novo aumento do declive da encosta, pelo que foi o local escolhido para se efectuar a escavação, assinalada na planta à escala de 1/2000 na Fig. 4. Trata-se, aliás, do local onde Gustavo Marques mencionou e, depois, O. da Veiga Ferreira registou, a existência de estruturas arqueológicas. Com efeito, ainda sem ter conhecimento do esboço desenhado por este último, o signatário detectou, afluando à superfície do terreno, em visita de reconhecimento efectuada em Agosto de 1994, alinhamento de grandes blocos de calcário, indicadores seguros da existência de uma linha muralhada que envolvia a parte mais alta do morro, o que justificou a apresentação de pedido de autorização para a realização de escavações, autorizadas pelo então IPPC a 5 de Dezembro de 1996, as quais, contudo, não foi então possível efectuar.

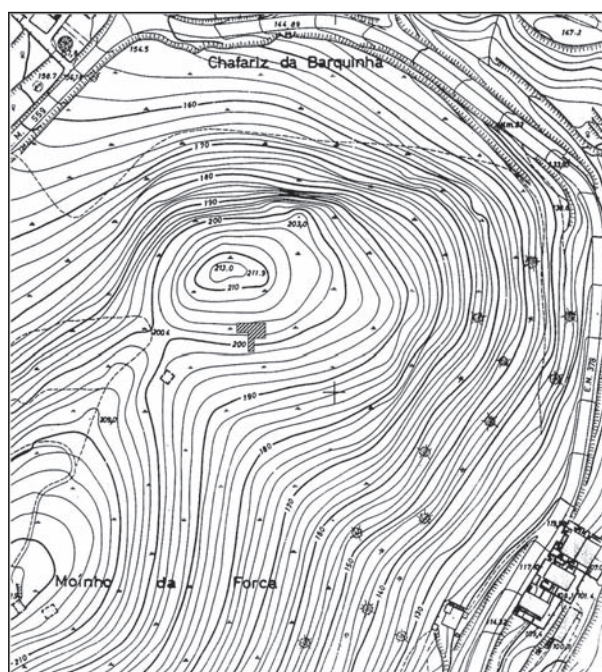


Fig. 4 Planta à escala de 1/2000, com a localização da área escavada em 2005 (reduzida).



Fig. 5 Outeiro Redondo. Vista geral da área escavada em 2005, de Oeste para Este.



Fig. 6 Outeiro Redondo. Vista geral da área escavada em 2005, de Norte para Sul. Observe-se, em último plano, a baía de Sesimbra.

8 metros e de 5 metros, correspondentes a linhas orientadas Norte-Sul. A área assim definida integrou o referido alinhamento de blocos aflorante ou sub-aflorante à superfície, bem como os seus prováveis desenvolvimentos laterais, ainda ocultos no solo (Figs. 5 e 6).

No decurso da primeira fase dos trabalhos, foram escavados cerca de 75 metros quadrados, embora a escavação só tenha atingido o substrato geológico no sector mais ocidental da referida área (Fig. 7). Foi neste sector que se realizou o registo de dois cortes estratigráficos levados até ao substrato geológico (Cortes C-D e E-F), adiante descritos em pormenor, os quais se revelaram essenciais para a interpretação do faseamento da ocupação do povoado pré-histórico e sua relação com as estruturas defensivas ali identificadas, correspondente a dois troços da Muralha B e à Entrada B1.

A segunda fase dos trabalhos teve por principal objectivo a investigação da área externa adjacente ao Bastião C, cuja definição arquitectónica no terreno era evidente

antes de iniciados os trabalhos, tendo em vista a determinação da época da sua construção por comparação com os resultados anteriormente obtidos no respeitante à Muralha B (Figs. 8 e 9).

Por fim, no decurso da terceira fase dos trabalhos, prejudicados devido às chuvadas verificadas no final do mês de Outubro, procedeu-se à escavação até ao substrato geológico do espaço interno do Bastião C, de modo a melhor situar a sua época de construção e a identificar, do ponto de vista cronológico-cultural, as fases de ocupação que lhe são anteriores, bem definidas em estratigrafia (Fig. 10). No decurso deste trabalho, foi identificada no seu interior uma estrutura de combustão (Lareira A), mais antiga (Fig. 11).

Tendo em vista a confirmação de uma linha defensiva do lado externo da identificada, a qual era sugerida por conjunto pedregoso com a configuração de pequeno murete, foi a escavação prolongada nessa direcção, a partir da área já escavada, através da abertura de uma sanja



Fig. 8 Outeiro Redondo. O Bastião C antes da escavação, visto do lado externo.



Fig. 9 Outeiro Redondo. O Bastião C depois de escavado do lado externo.



Fig. 10 Outeiro Redondo. Vista do lado externo do Bastião C, observando-se, do lado esquerdo, a sucessão estratigráfica correspondente às ocupações arqueológicas pré-construção do dispositivo defensivo.



Fig. 11 Outeiro Redondo. A Lareira A, parcialmente escavada.



Fig. 12 Outeiro Redondo. Vista geral da área escavada em 2005, com o Bastião C em primeiro plano e a Muralha B em segundo plano.

com 3 metros de largura e 10 m de comprimento, a qual foi escavada até ao substrato geológico (Fig. 7). Deste modo, foi possível verificar que o citado amontoado pedregoso não correspondia a qualquer estrutura de interesse arqueológico, sem prejuízo de, em 2006, se continuar a investigar a zona mais a jusante da encosta, até porque o esboço de O. da Veiga Ferreira assinala a existência de duas linhas muralhadas cuja confirmação se impõe.

No final dos trabalhos, a escavação atingia a área de 126 metros quadrados, tendo, quase sempre, sido levada até o substrato geológico; a Fig. 12 corresponde a vista geral dos trabalhos realizados.

Com o objectivo de obter elementos sobre a cronologia absoluta das principais fases de ocupação, adiante caracterizadas, foram recolhidos dois pares de amostras, constituídos respectivamente por ossos e por conchas, os quais foram remetidos ao Eng. A. M. Monge Soares (ITN) para datação, aguardando-se para breve a comunicação dos resultados.

3. Resultados obtidos

3.1. Estratigrafia e fases de ocupação

A planta da área escavada (Fig. 7) assinala os dois cortes estratigráficos realizados: trata-se do Corte C-D, ao longo do limite setentrional da escavação e do Corte E-F, ao longo do paramento interno da Muralha B. A representação gráfica de ambos os cortes apresenta-se na Fig. 13 – também reproduzidos fotograficamente nas Fig. 14 (corte C-D) e 15 (corte E-F) – sendo válida, para ambos, as seguinte descrição estratigráfica, por camadas, de cima para baixo:

Camada 1 – terra vegetal castanho-chocolate, pouco compacta, com escassos elementos pedregosos calcários dispersos, com materiais reportáveis ao Calcolítico pleno e ao Calcolítico inicial da Estremadura (0-0,20 m de profundidade), acompanhados de escassos elementos de cerâmicas campaniformes;

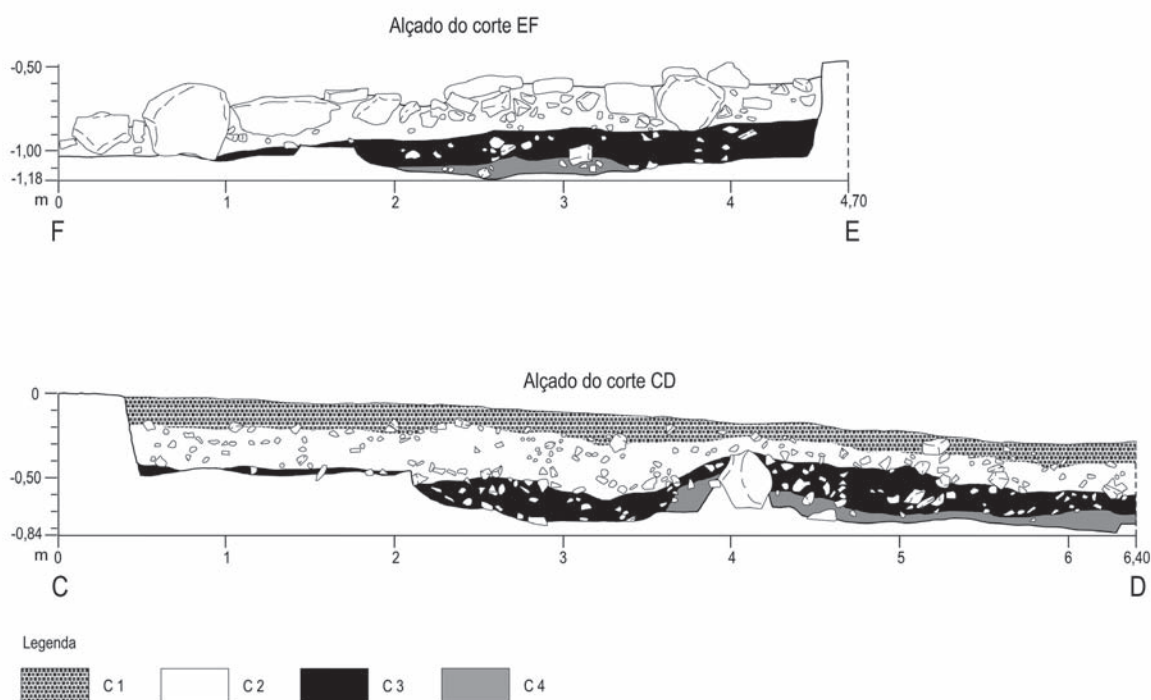


Fig. 13 Outeiro Redondo. Cortes estratigráficos executados em 2005: em cima, Corte C-D; em baixo, Corte E-F (ver Fig. 7).

Camada 2 – camada terrosa, mais clara e compacta que a anterior devido a uma maior percentagem de argila, com maior número de elementos pedregosos dispersos, desenvolvendo-se sob a Muralha B. Contém materiais cerâmicos que, pela tipologia e decoração, são predominantemente reportáveis ao Calcolítico pleno da Estremadura na sua parte superior (0,20-0,40 m) e ao Calcolítico inicial na sua parte inferior (0,40-0,60 m de profundidade);

Camada 3 – camada castanha-clara, com muitos blocos calcários e inúmeras partículas carbonosas dispersas, com materiais cerâmicos característicos do Calcolítico inicial da Estremadura (0,60-1,20 m de profundidade);

Camada 4 – camada avermelhada, areno-argilosa, de espessura variável e muito friável, quase desprovida de espólio arqueológico, directamente assente no substrato geológico, de cuja alteração resultou (*terra rossa*).

Noutros sectores escavados, a sucessão estratigráfica observada é a mesma da acima descrita: é o caso do corte executado no lado externo do Bastião C, adiante descrito, o qual evidenciou, abaixo do nível de fundação – correlativo do correspondente à Muralha B – sequência estratigráfica conotável com as Camadas 2, 3 e 4 anteriormente descritas, claramente evidenciadas na Fig. 16.

3.2. Estruturas arqueológicas e fases de construção

Como acima se referiu, antes da realização desta primeira campanha de escavações, era visível um alinhamento constituído por grandes blocos calcários, definindo estrutura de planta arqueada (Fig. 8). A escavação respectiva veio demonstrar tratar-se de um bastião, designado na planta (Fig. 7) por Bastião C. A escavação efectuada ao longo do seu lado externo permitiu verificar o cuidado dispensado à solidez do muro, mediante a colo-



Fig. 14 Outeiro Redondo. Vista, do lado direito da área escavada, do Corte CD (ver Figs. 7 e 13).



Fig. 15 Outeiro Redondo. Vista, sob a Muralha B, do Corte EF (ver Figs. 7 e 13).



Fig. 16 Outeiro Redondo. Sequência estratigráfica pré-fortificação observada na área adjacente ao Bastião C, cujo paramento externo corresponde aos dois blocos observáveis do lado direito (ver Fig. 10).



Fig. 17 Outeiro Redondo. Pormenor da técnica construtiva do paramento externo do Bastião C, observando-se o travamento de um bloco fixado verticalmente entre duas saliências do mesmo afloramento geológico.



Fig. 18 Outeiro Redondo. Vista parcial do lado interno do Bastião C assente no substrato geológico e, do lado direito da figura, em camadas arqueológicas pré-fortificação.

cação de grandes blocos de travamento, directamente apoiados no substrato geológico, localmente de geometria muito irregular, constituído por afloramentos de calcário duro (Fig. 17). Do lado interno, o paramento da referida estrutura é constituído por blocos heterométricos, ora apoiados no substrato geológico cuja superfície topográfica é marcadamente irregular, ora em camadas arqueológicas mais antigas. Esta situação pode observar-se na Fig. 18. Do ponto de vista arquitectónico, trata-se de estrutura de planta arqueada, voltada para Sul, cuja planta já se evidenciava nas fases iniciais de escavação (Fig. 19). A técnica construtiva utilizada recorreu a grandes blocos, especialmente do lado do paramento externo, sujeito a maiores esforços, de modo a assegurar a estabilidade, enquanto o paramento interno é formado por blocos de menores dimensões, sendo o enchimento intermédio constituído por elementos miúdos.

Importava conhecer, por outro lado, o desenvolvimento lateral da linha defensiva em que esta estrutura se integrava. Deste modo, a escavação permitiu pôr a descoberto, do lado poente, troço de muralha de planta rectilínea, a Muralha B, cuja parede interna era a única que se encontrava bem conservada (Fig. 20); o paramento externo, bem como porção do enchimento do muro sofreram desmoronamento, pela força da gravidade, como bem evidencia a figura referida, bem como o Corte AB (Fig. 21). Tal situação compreende-se, visto ser do lado do maior declive que a estrutura teria maiores dificuldades de estabilidade, como se referiu; ao contrário, o lado interno serviria como obstáculo aos depósitos que, por erosão, provinham da parte mais alta do morro, contribuindo deste modo para a sua acumulação.

Na área escavada, observa-se remate desta muralha, formado pelo alinhamento de três grandes blocos: estava deste modo definida uma entrada, conjunta-



Fig. 19 Outeiro Redondo. O Bastião C, visto do lado interno, voltado para Sul, em curso de escavação em 2005.

mente com a face externa do Bastião C (Fig. 20): trata-se da Entrada B1. Foi, ainda, possível definir o nível da soleira da referida entrada, pela identificação de uma área pontualmente lajeada, conforme indica a posição



Fig. 20 Outeiro Redondo. Sector da Muralha B escavado em 2005, vista de Oeste para Este. Note-se que apenas o paramento interno se conservou. Em primeiro plano, nota-se o remate desta estrutura, definindo uma entrada, através de três grandes blocos alinhados.

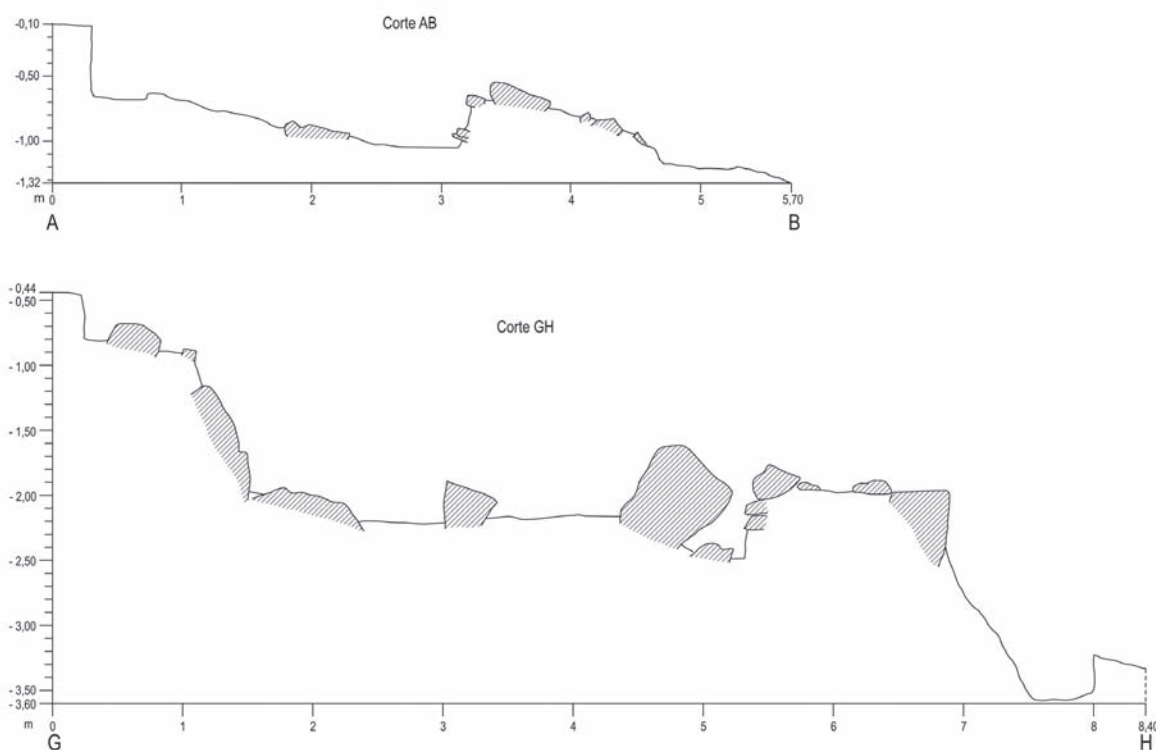


Fig. 21 Outeiro Redondo. Cortes topográficos Ab e GH (ver Fig. 7).



Fig. 22 Outeiro Redondo. Vista parcial da zona oriental da escavação de 2005, observando-se do lado direito o Bastião C e, à esquerda, ao centro, a porção escavada da Lareira A (ver Fig. 11).



Fig. 23 Outeiro Redondo. Enchimento da área correspondente ao interior do Bastião C, por blocos oriundos do desmoronamento das estruturas defensivas, antes da sua remoção, no final da campanha de 2005.

de alguns elementos que ainda se conservaram. O referido nível tem equivalente no nível de fundação, quer da Muralha B, quer do Bastião C, mostrando, deste modo, que se trata de conjunto coevo, corporizando uma única fase construtiva.

Por último, importa referir a Lareira A, identificada no decurso da escavação do espaço interno ao Bastião C, entre este e o lado oriental da Muralha B (Fig. 11 e Fig. 22).

Esta estrutura jazia sob o espesso manto de blocos de grandes dimensões, correspondentes a camada de derube formada no interior do Bastião C (Fig. 23), equiva-

lente da Camada 1 da descrição anteriormente realizada, assentes, por seu turno, em camada acastanhada, com blocos miúdos, por vezes formando leitos contínuos, equivalentes da Camada 2 da descrição apresentada. A estrutura situa-se directamente sob esta camada, sendo conotável com a formação da Camada 3 da descrição geral apresentada.

Deste modo, a cronologia da Lareira A é anterior à do dispositivo defensivo, o qual, por seu turno, é mais moderno que a Camada 2, visto assentar sobre ela. Trata-se, pois, da estrutura mais antiga posta a descoberto no decurso da campanha de escavações de 2005,

a qual se poderá relacionar com uma cabana construída no local que, posteriormente, veio a ser ocupado por duas estruturas defensivas, integradas no plano de fortificação do morro.

3.3. Espólio arqueológico

3.3.1. Indústria cerâmica

Nas Fig. 24 a 33 apresenta-se a totalidade do espólio cerâmico decorado recuperado em 2005, referenciado por sectores e respectivas profundidades de colheita, correspondentes a níveis artificiais de 20 cm de potência, facilmente correlacionáveis com a sequência estratigráfica real, acima descrita.

O espólio cerâmico possui interesse decisivo na atribuição de significado cronológico-cultural à referida sequência.

De um modo geral, verifica-se que, do ponto de vista tipológico, todos os materiais se inscrevem no Calcolítico da Estremadura, ainda que existam raros exemplares que evoquem produções neolíticas: é o caso da pequena asa com decoração incisa arrastada (Fig. 28, n.º 11), a qual se encontra, não obstante, associada a produções claramente calcolíticas. Também um fragmento com decoração impressa de pontos, formando campos delimitados por linhas incisas, evoca padrões decorativos neolíticos, apesar de se ter reconhecido no povoado da Rotura (Gonçalves, 1971, Est. XXVII, n.º 2), situado em ambiente natural idêntico, no vizinho concelho de Setúbal, cuja ocupação é exclusivamente calcolítica (Ferreira & Silva, 1970). A estes dois exemplares, poder-se-ia associar outro fragmento com decoração impressa e o lábio denteado, que não destoraria de um contexto do Neolítico Antigo evolucionado, como o encontrado na estação próxima de Fonte de Sesimbra (Soares, Silva & Barros, 1979, Fig. 6, n.º 7). Tratar-se-á de presença residual, mais antiga, que não foi possível destrinçar da ocupação calcolítica?

A uma tradição anterior, mas já reportável ao Neolítico final da Estremadura pertencem alguns fragmentos lisos munidos de mamilos, cuja presença se torna escassa em épocas posteriores, na mesma região (Fig. 25, n.º 9 e 12 e Fig. 28, n.º 10); o da Fig. 29, n.º 6 inscreve-se claramente no grupo das produções simbólicas, correspondendo a um par de mamilos, individualizados por pequena depressão.

Existem ainda pegadas com perfuração vertical, cujo carácter funcional é evidente, as quais se localizam tanto no bojo (Fig. 27, n.º 13), como sobre o bordo (Fig. 32, n.º 1). Um exemplar, com perfuração na carena, localmente espessada, tem escassos paralelos em pro-

duções calcolíticas da Estremadura, associadas ao Calcolítico pleno/final, como no povoado da Penha Verde, Sintra, cujo espólio se encontra em estudo pelo signatário (Fig. 27, n.º 15).

Enfim, as produções mais modernas correspondem a recipientes campaniformes, que denunciam esporádicos estacionamentos no local, já depois de abandonado o dispositivo defensivo. É o que indica a ocorrência na Camada 1, a mais moderna da sucessão, de três destas produções. Pertencem a vários grupos, de acordo com a classificação apresentada por J. Soares e C. Tavares da Silva (Soares & Silva, 1974/1977): ao Grupo Inciso reporta-se formalmente o exemplar da Fig. 24, n.º 1, ainda que este possa pertencer a produção não-campaniforme, por se encontrar, associado a outro, que já não se pode considerar campaniforme (Fig. 24, n.º 3 e Fig. 33, n.º 4). Esta situação remete mais uma vez para a evidência de mesclas entre contributos exógenos e as pré-existências locais, representadas por uma pujante produção cerâmica, de largas tradições desde o Neolítico. Os dois únicos fragmentos caracteristicamente campaniformes, pertencem provavelmente a dois vasos “marítimos”, com decoração de bandas preenchidas interiormente (“herringbone”), a pontilhado, integrando o chamado “Grupo Internacional” (Fig. 30, n.º 1; Fig. 33, n.º 13).

Quanto às produções de cerâmicas predominantes do Calcolítico pleno da Estremadura – padrões em “folha de acácia” e em “crucífera”, associados a decorações produzidas por pontas rombas, formando faixas em torno da abertura de grandes esféricos de paredes reentrantes – ocorrem sobretudo até aos 40 cm de profundidade, rareando até aos 60 cm (Fig. 30, n.º 17, 18), e desaparecendo do registo arqueológico a maiores profundidades. Procurando estabelecer correspondência com a sequência estratigráfica real, verifica-se que a rarefacção destas produções corresponde à parte inferior da Camada 2, tornando-se ausentes da Camada 3.

Como é sabido, os padrões decorativos supra referidos encontram-se associados, muitas vezes no mesmo recipiente a outros (zigzagues, espinhados, reticulados), produzidos por finas incisões de que se recolheram bons exemplos na campanha de 2005. No tocante às formas, predomina o vaso esférico de paredes reentrantes, estando, no entanto, presentes os vasos de paredes direitas, com decorações incisas (Fig. 26, n.º 12) e do grupo “folha de acácia” (Fig. 26, n.º 8) e “crucífera” (Fig. 27, n.º 10), por vezes associados no mesmo recipiente (Fig. 30, n.º 7), correspondentes formais dos “copos” mais antigos, com decoração canelada do Calcolítico inicial, adiante tratados. Esta realidade indica, uma vez mais, a ausência de cortes bruscos no registo mate-

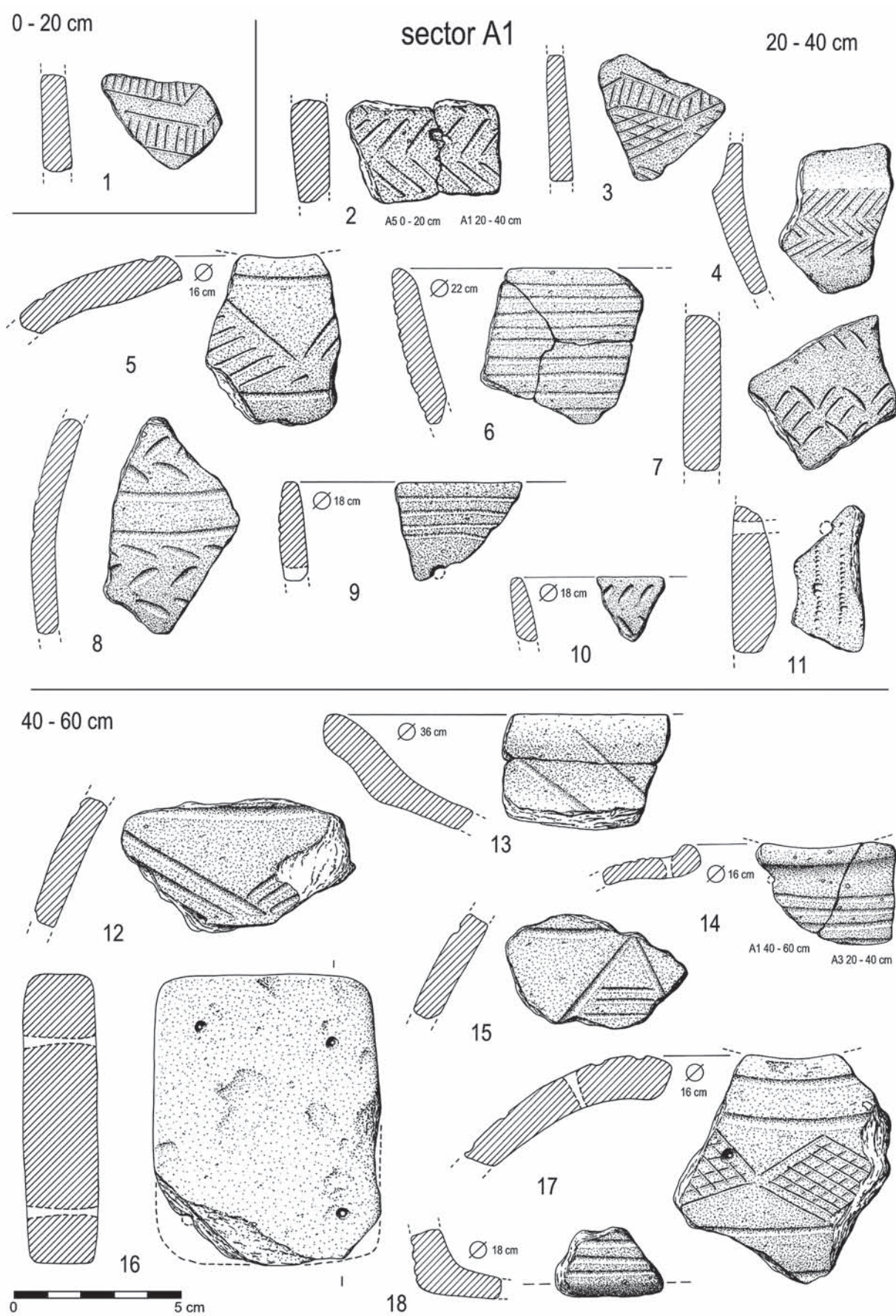


Fig. 24 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

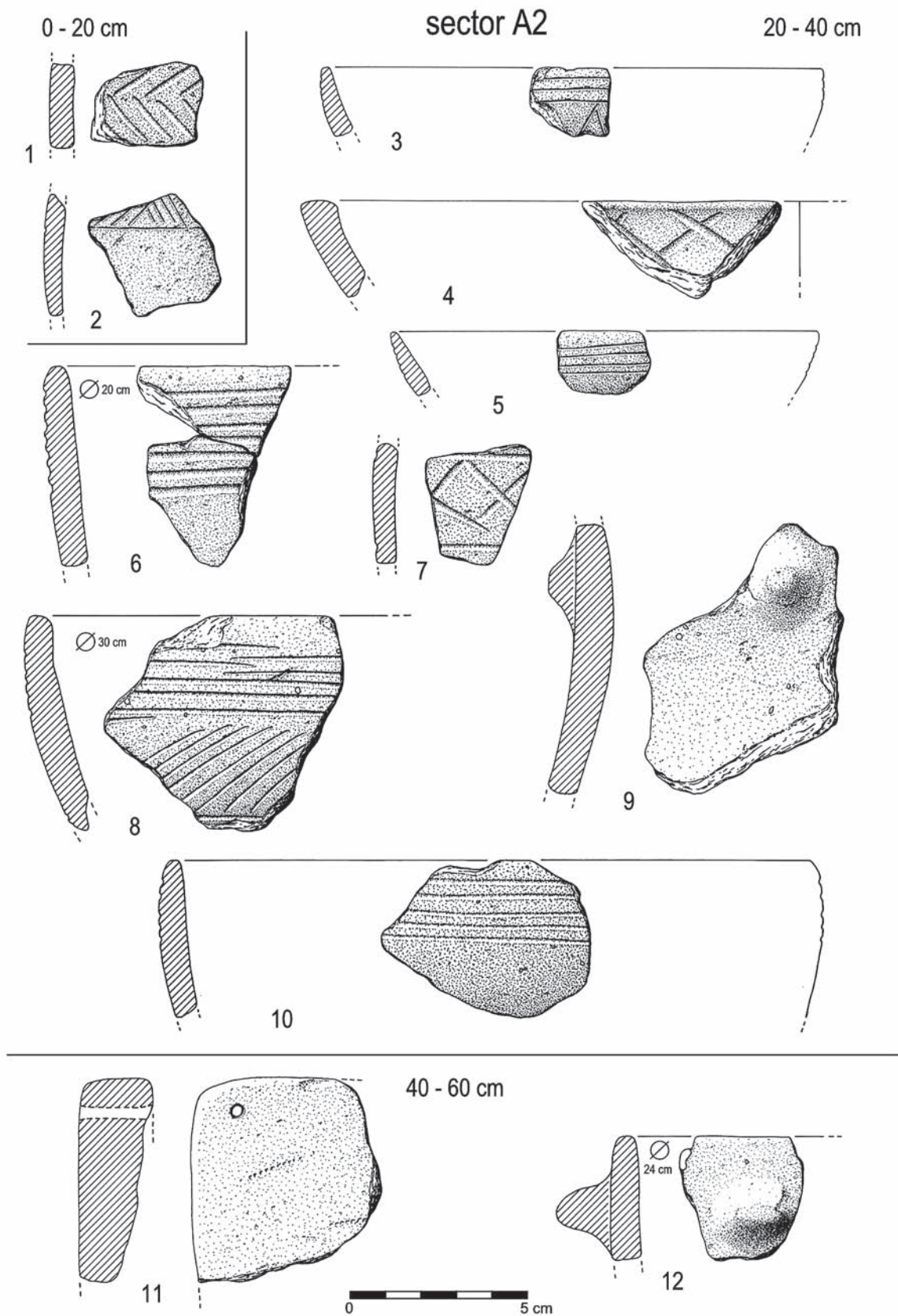


Fig. 25 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

rial, mas antes a evolução lenta, com substituições graduais e progressivas.

Outro conjunto cerâmico com interesse no faseamento cultural presente neste povoado, corresponde às decorações caneladas, em geral bandas horizontais sob o bordo, aplicadas predominantemente a taças em calote, embora também ocorram os “copos” com as características bandas caneladas abaixo do bordo ou acima do fundo (Fig. 24, n.º 18; Fig. 25, n.º 6; Fig. 27, n.º 11; Fig. 28, n.º 2; Fig. 29, n.º 12 e 14; Fig. 31, n.º 13). Trata-se do grupo globalmente representado pelo maior número de exemplares. No respeitante à distribuição estratigráfica, nota-se padrão exactamente oposto do correspondente às cerâmicas decoradas do grupo “folha de acácia” e “crucífera”. Com efeito, ainda que as decorações caneladas coexistam estratigraficamente na Camada 1 e, sobretudo, na parte superior da Camada 2, entre os 20 cm e os 40 cm de profundidade, a partir dos 60 cm de profundidade, a que corresponde o “tecto” da Camada 3 tornam-se largamente dominantes.

É interessante observar que, na Camada 3, ocorrem recipientes cujos padrões decorativos podem ser considerados protótipos da “folha de acácia”, ainda ausente da referida camada; são produzidos por caneluras, aplicadas tanto a esféricos de paredes reentrantes (Fig. 28, n.º 13), que depois se generalizam na Camada 2, como a taças em calote (Fig. 31, n.º 3), associando as comuns caneluras abaixo do bordo a outros motivos geométricos, que pervivem na Camada 2 (Fig. 27, n.º 9), a par da “folha de acácia”.

Esta situação configura realidade comparável à que J. L. M. Gonçalves identificou no povoado calcolítico fortificado da Columbeira (Bombarral), tendo atribuído às referidas produções o significado de uma fase de transição do Calcólítico inicial para o Calcólítico pleno, curto período cronológico onde o padrão em “folha de acácia” ainda não tinha feito a sua aparição (Gonçalves, 1994).

Nestes termos, a Camada 3 da sequência estratigráfica identificada no Outeiro Redondo poderá reportar-se a uma etapa evoluída do Calcólítico inicial da Estremadura, atribuição aliás consubstanciada pela escassez de “copos” canelados face às das taças em calote com idêntico padrão decorativo, cuja produção lhes sobreviveu: veja-se o caso da estratigrafia do povoado da Rotura (Setúbal), cuja camada mais antiga possuía numerosos exemplares de taças caneladas, mas onde já não ocorriam os “copos” canelados (Silva, 1971).

Outro grupo de cerâmicas decoradas que importa referir corresponde às taças com decorações caneladas na face interna. Trata-se de uma forma presente tanto em contextos do Calcólítico do Sudoeste como em sítios do Calcólítico da Estremadura.

Em Sesimbra, este grupo ainda que presente ao longo de toda a sequência estratigráfica – com excepção da Camada 1 – afirma-se, especialmente, na parte mais profunda da Camada 2 e sobretudo na Camada 3. Pode concluir-se, como em Leceia, que a sua presença, na Estremadura, é característica do Calcólítico inicial, persistindo no Calcólítico pleno.

No entanto, a formação da sequência estratigráfica observada foi o resultado da redeposição de materiais, por vezes oriundos da mesma área da estação – e até do mesmo recipiente – em diferentes locais, muito diferenciados tanto no aspecto estratigráfico como no planimétrico. Os exemplos a seguir indicados levam, por isso, a considerar as considerações anteriores com valor apenas estatístico

Por último, as chamadas cerâmicas industriais estão representadas por raros exemplares de “cinchos” (Fig. 30, n.º 4; Fig. 33, n.º 10) e de “pesos de tear”, correspondentes a placas de barro sub-rectangulares a sub-quadrangulares com perfurações junto dos cantos.

No concernente aos primeiros, a sua distribuição estratigráfica, restrita às Camadas 1 e 2, é concordante com o registo conhecido em Leceia, onde tais peças se acantonam na ocupação correspondente ao Calcólítico pleno da Estremadura (Cardoso, 1994, 1997). Quanto aos chamados pesos de tear, designação que parece consentânea com a sua real funcionalidade são relativamente comuns no Outeiro Redondo – denunciando uma actividade característica do pleno desenvolvimento da chamada “Revolução dos Produtos Secundários”. Contabilizou-se número relativamente abundante destas peças – 15 exemplares, entre inteiros e fragmentados – os quais se concentram na parte inferior da Camada 2, dos 40 aos 60 cm (6) e na Camada 3 (5). Esta distribuição é semelhante á identificada em Leceia, onde o início da produção destas peças se verifica no Calcólítico inicial, prosseguindo no Calcólítico pleno, sem quaisquer alterações formais. Apresentam-se lisos, exceptuando alguns exemplares com finas linhas incisivas isoladas, direitas (Fig. 28, n.º 14) ou curvilíneas (Fig. 28, n.º 9; Fig. 29, n.º 1). Dois exemplares com curtos segmentos produzidos a pontilhado, podem ser apenas o resultado do processo de fabrico, com a impressão ocasional de tais marcas (Fig. 24, n.º 11; Fig. 25, n.º 11); no entanto, é de assinalar a existência de um exemplar do povoado do Outeiro de São Mamede, Bombarral, com diversos segmentos produzidos de forma análoga nas duas faces menores, que só podem ser interpretados como elementos decorativos (Cardoso & Carreira, 2003, Fig. 66, n.º 2).

A terminar, deve mencionar-se a recolha de numerosos blocos de cerâmica cozida, castanho-avermelhada, de consistência muito friável e forma irregular.

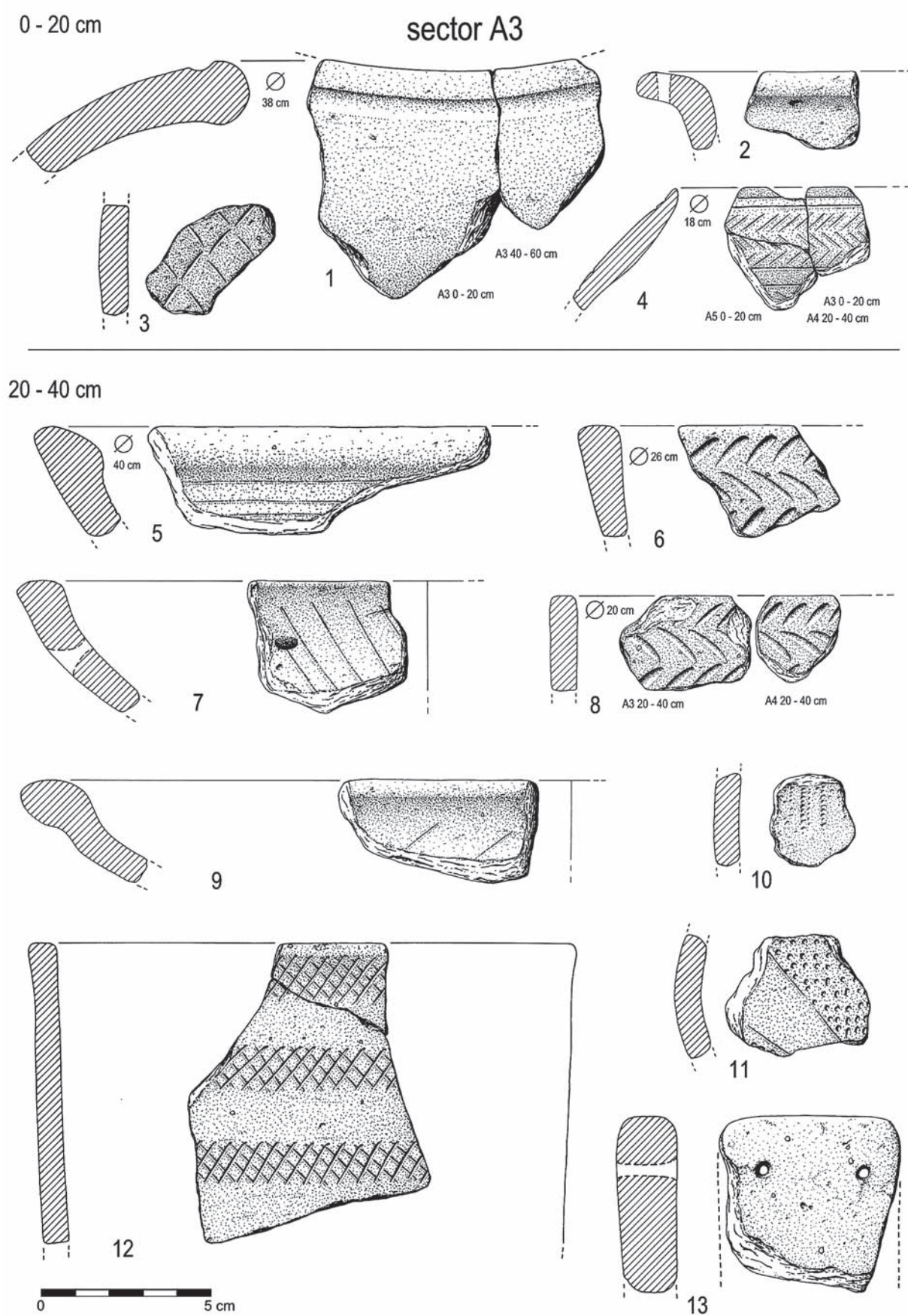


Fig. 26 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

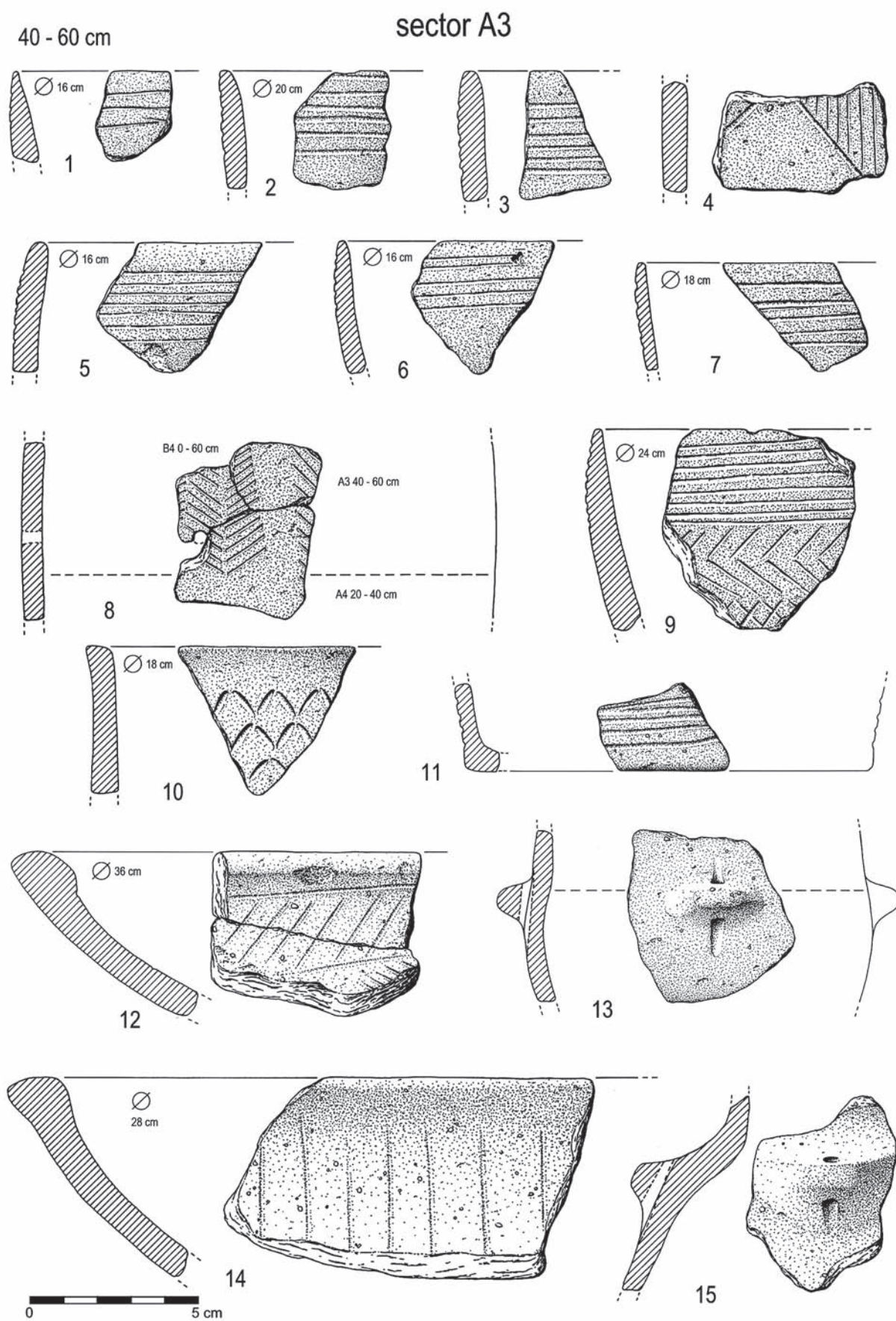


Fig. 27 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

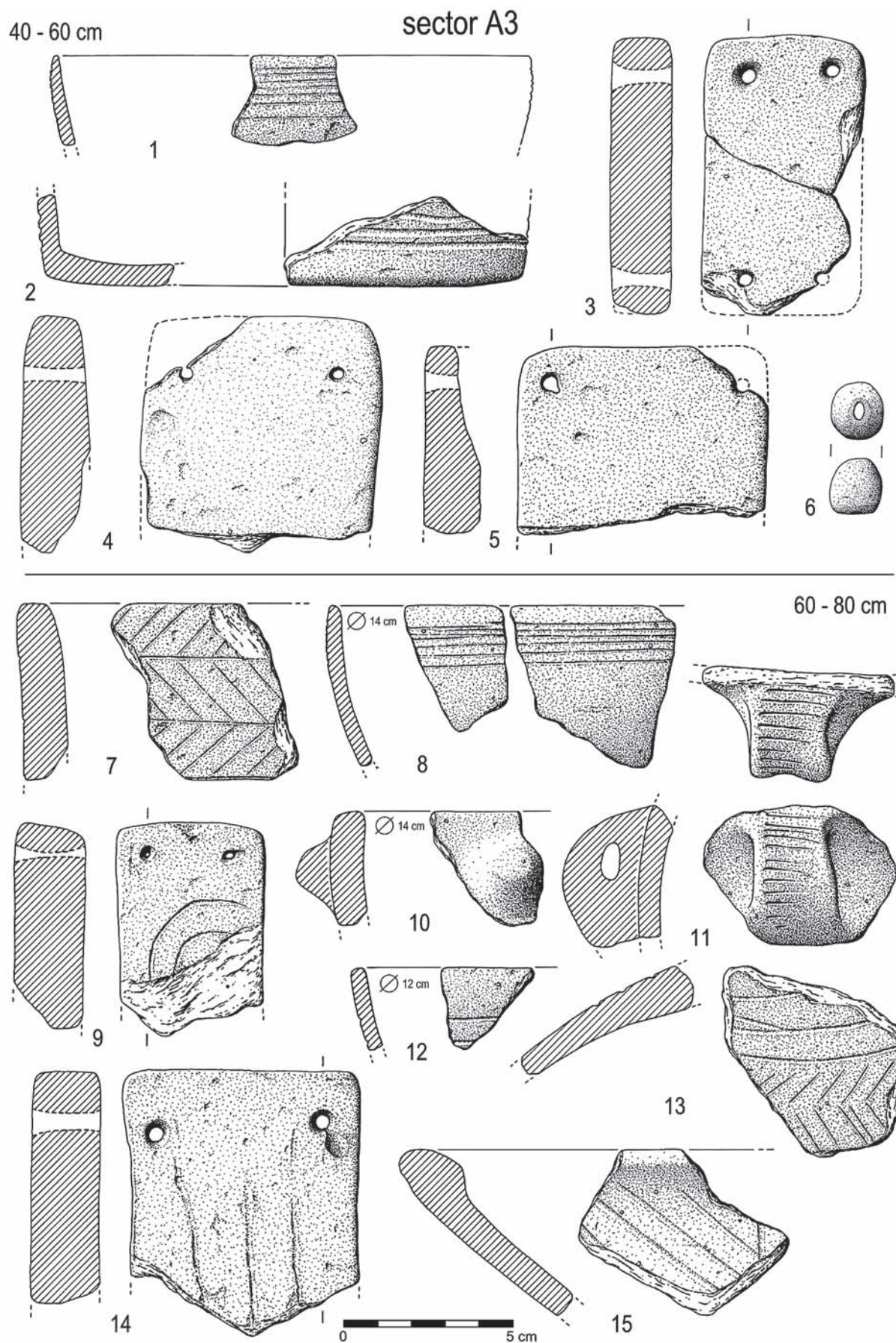


Fig. 28 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

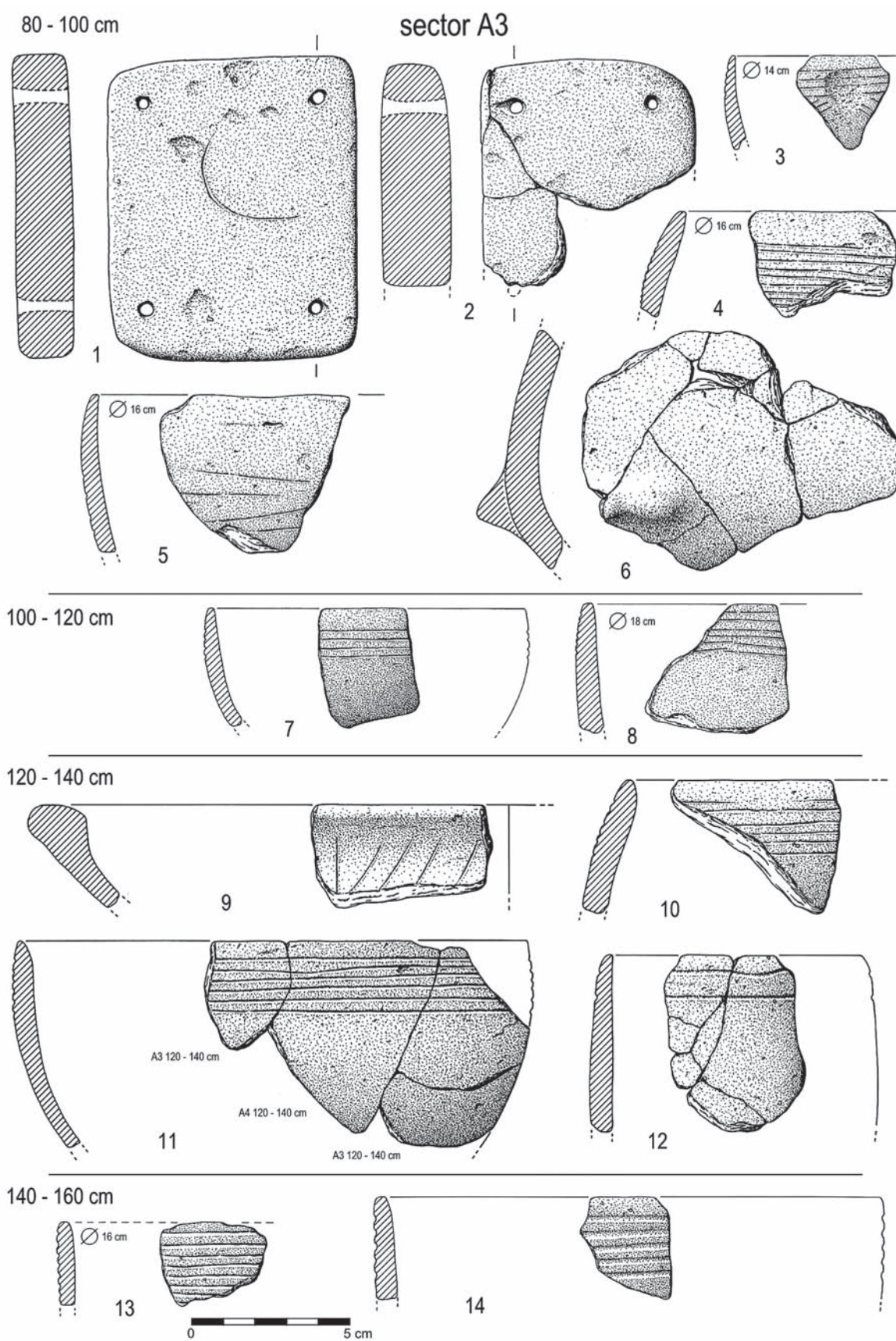


Fig. 29 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

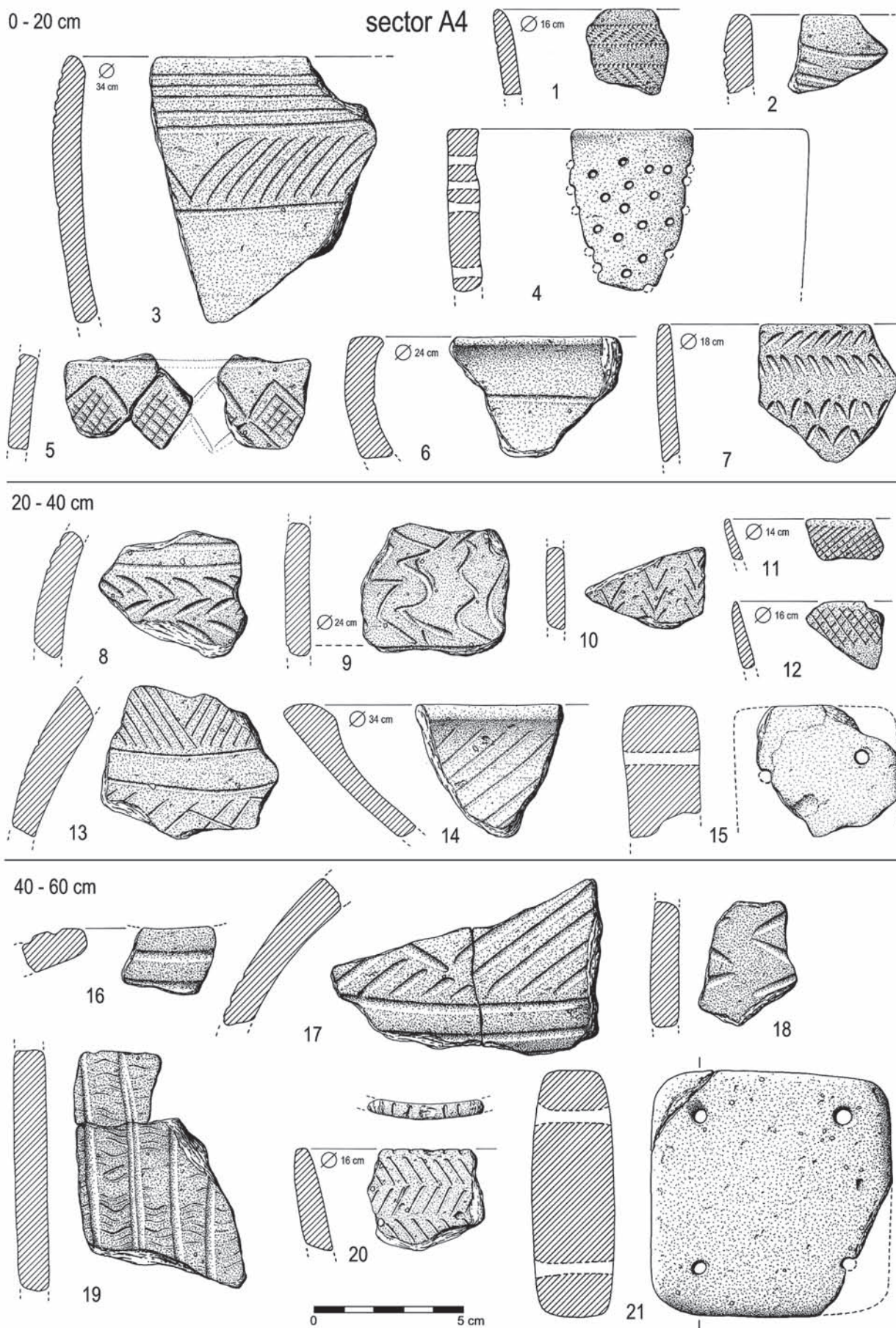


Fig. 30 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

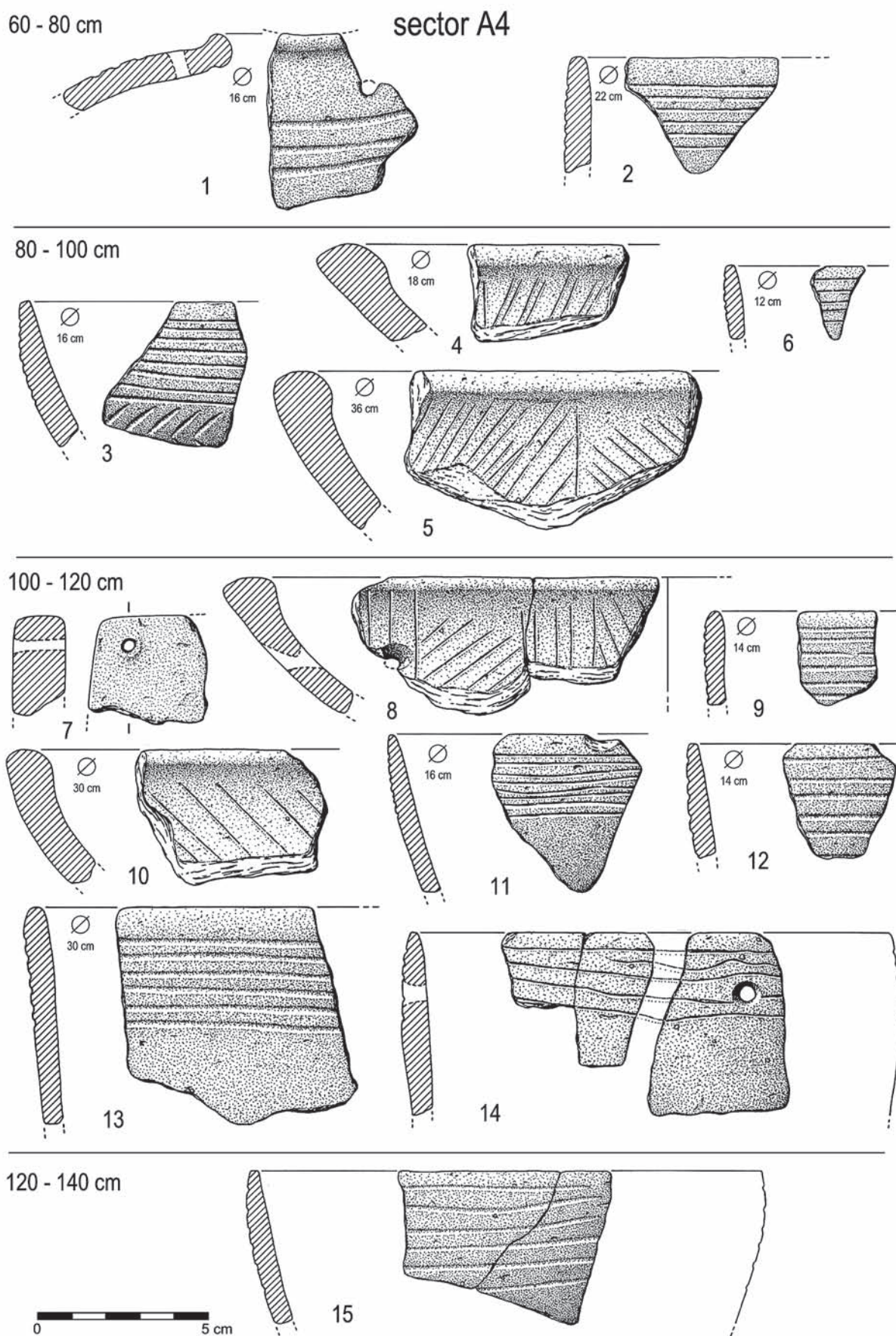


Fig. 31 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

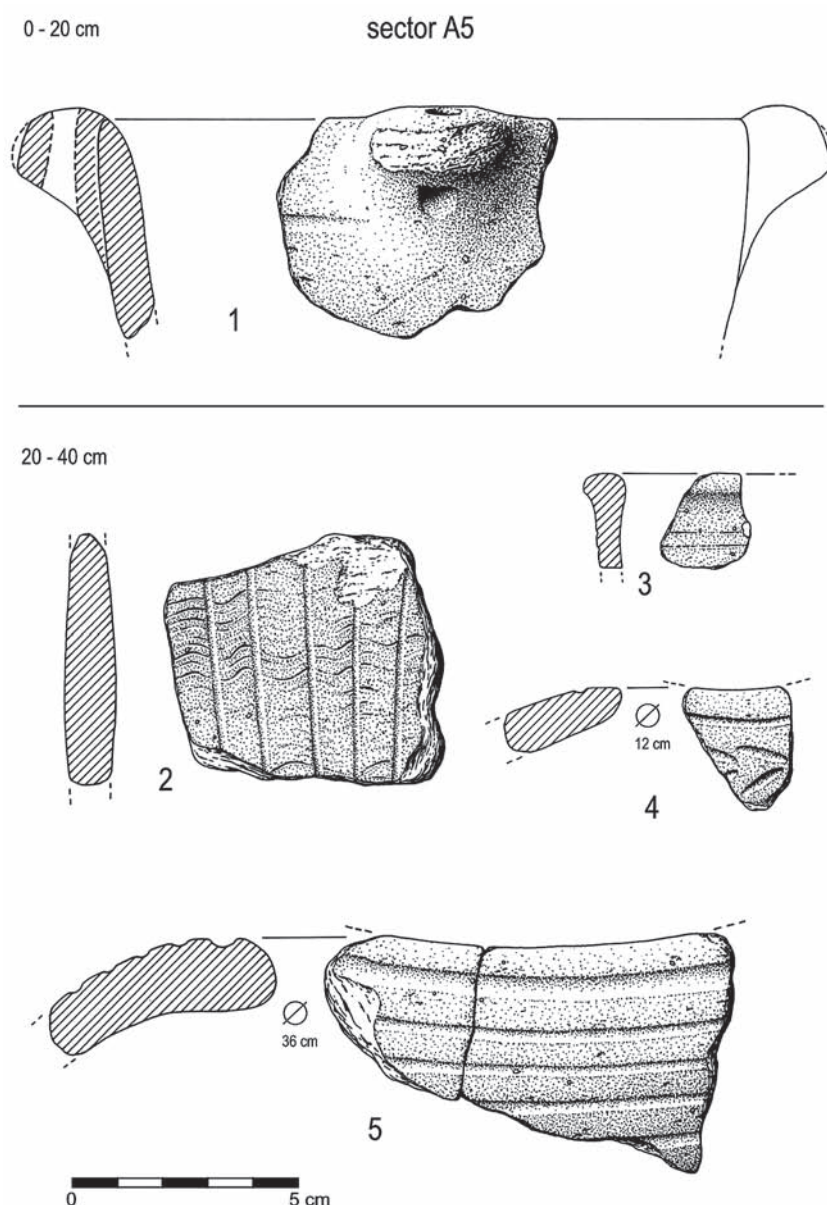


Fig. 32 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

Um deles, de forma mais definida, corresponde a uma fragmento de suporte de lareira, peças incorrectamente designadas por “ídeos de cornos” (Cardoso, 2003a). O exemplar em causa encontra-se munido de uma perfuração mesial, comum em muitas destas peças. Outro fragmento continha, no seu interior, impressão de folha de zambujeiro (*Olea europaea* ssp. *sylvestris*), de pequenas dimensões, análoga a outra que se observou em fragmento do Bronze final do povoado da Tapada da Ajuda (Cardoso *et al.*, 1986, Foto 5). A presença deste resto vegetal no interior de uma destas peças, indica que, nas vizinhanças imediatas do local onde a argila foi amassada, existia coberto vegetal de tipo mediterrânico, tal como se verifica actualmente na região.

3.3.2. Indústria óssea

As 37 peças de osso recolhidas em 2005, integralmente desenhadas nas Figs. 34 e 35, repartem-se por diversos grupos funcionais. O mais comum corresponde ao dos ossos longos serrados transversalmente em uma ou em ambas as extremidades, conservando, no primeiro caso, a epífise articular original do correspondente segmento ósseo. Deste modo, verificou-se que todos os exemplares classificáveis foram obtidos sobre tíbias de ovinos/caprinos, nuns casos aproveitando a metade proximal do osso (Fig. 34, n.º 16 e Fig. 37, n.º 11, 15), noutros a metade distal (Fig. 36, n.º 1, 8, 14, 17; Fig. 37, n.º 4, 7). Por vezes, a superfície articular (epífise) não se encontra soldada à diáfise (Fig. 35, n.º 7, 11), indicando indivíduos subadultos.

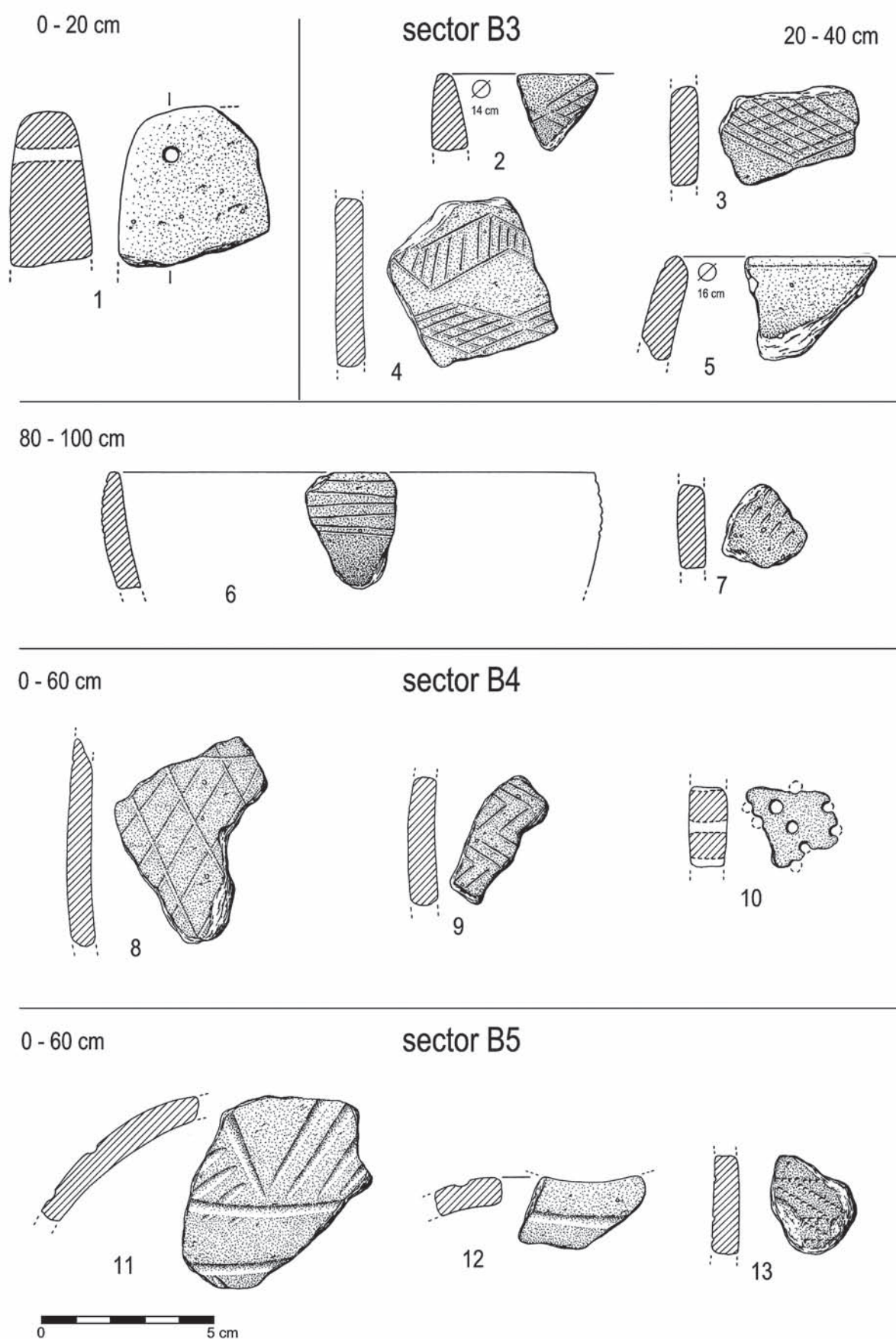


Fig. 33 Outeiro Redondo. Materiais cerâmicos exumados em 2005.

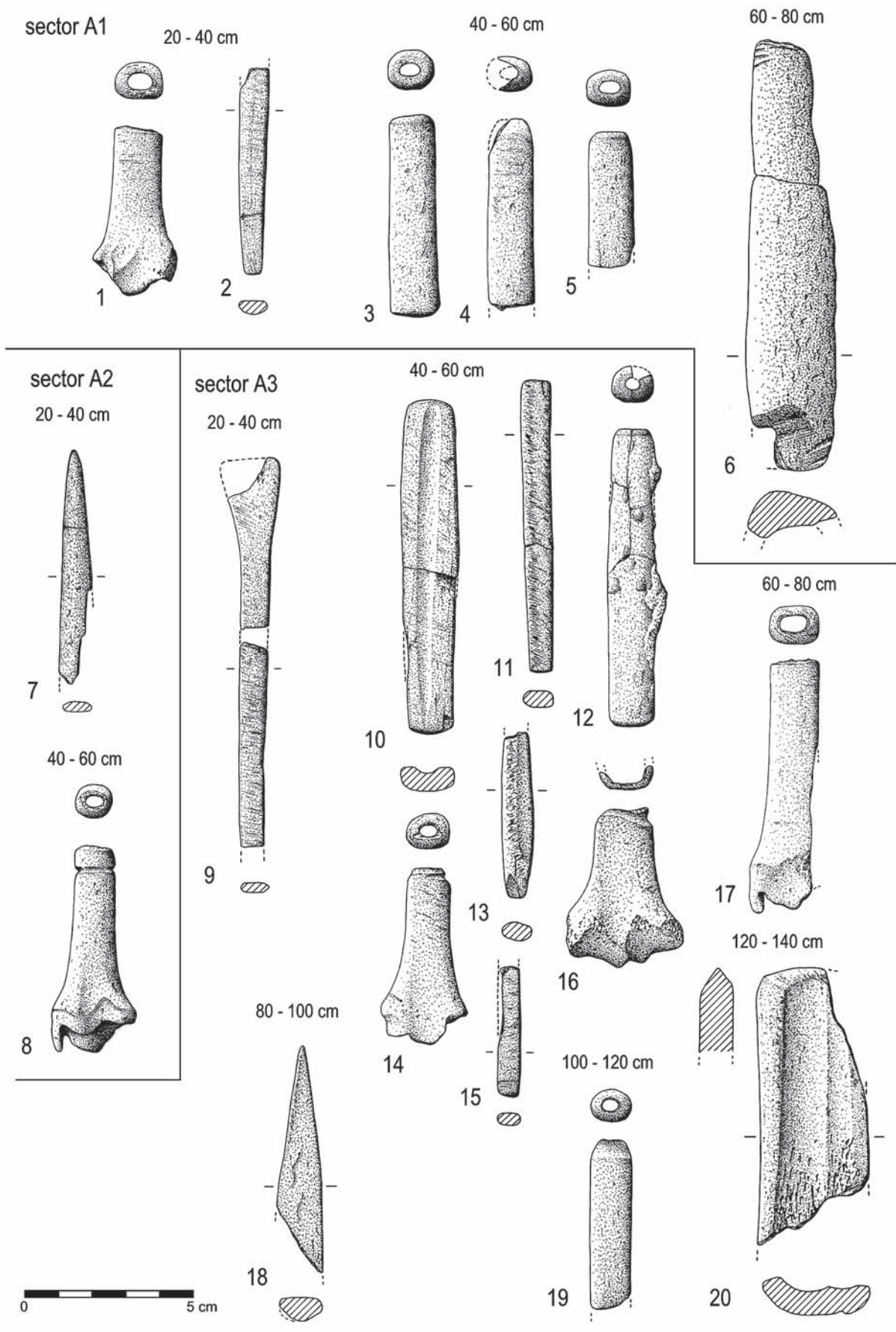


Fig. 34 Outeiro Redondo. Materiais de osso exumados em 2005.

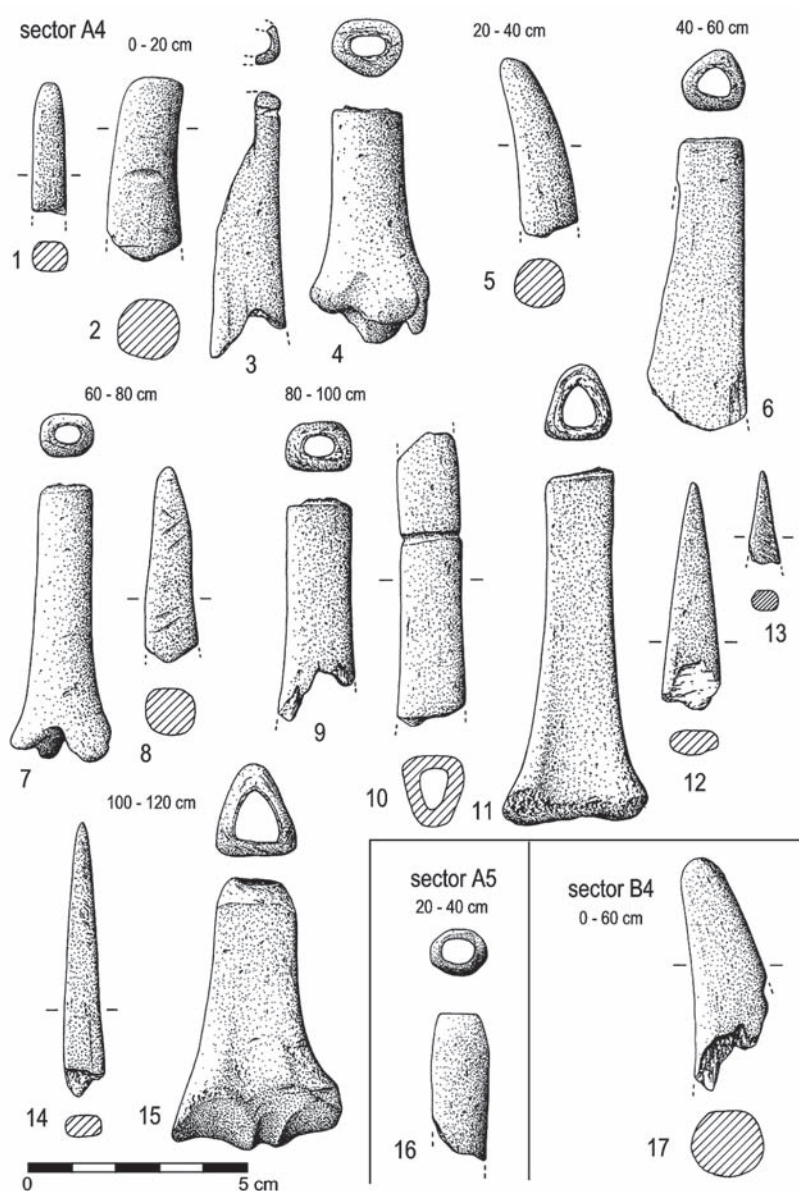


Fig. 35 Outeiro Redondo. Materiais de osso exumados em 2005.

As peças assim obtidas possuem evidentes finalidades funcionais, apresentando algumas delas cuidado acabamento e mesmo, em um caso, um sulco decorativo (Fig. 34, n.º 8), em torno da extremidade. Uma das alternativas mais comumente apresentada é a de corresponderem a cabos de punções ou sovelas de cobre; mas a ocorrência de peças deste tipo na camada correspondente à ocupação do Neolítico final de Leceia, indica que outras teriam finalidades distintas da referida (Cardoso, 2003b). Acresce que também não são evidentes as marcas de tal fixação, nem sequer a impregnação dos ossos por hidróxidos de cobre, necessariamente produzida em ambientes húmidos, ainda que se conheçam raros exemplares conservando ainda os respectivos punções no seu interior (Paço, 1960, Fig. 2, n.º 5, 6).

De funcionalidade evidente é a peça executada sobre esquirola longitudinal de osso longo (provavelmente de bovívdeo), com um duplo bisel na extremidade distal, conferindo-lhe as características de um formão (Fig. 34, n.º 20).

Diversas esquirolas ósseas totalmente polidas (Fig. 34, n.º 7, 18; Fig. 35, n.º 1, 14), estreitas e alongadas, por vezes com a extremidade útil em falta (Fig. 34, n.º 2, 13, 15) correspondem funcionalmente a agulhas ou sovelas, enquanto exemplares mais grosseiros e robustos foram atribuídas à extremidade de furadores (Fig. 35, n.º 8, 12, 13), à semelhança de duas extremidades de galhos de veado totalmente polidas (Fig. 35, n.º 5, 17).

Uma espátula, com alargamento achatado numa das extremidades (Fig. 34, n.º 9), possui paralelo próximo em exemplar do Calcolítico pleno de Leceia (Cardoso, 2003b, Fig. 27, n.º 13).

Outro exemplar, sobre esquirola óssea afeiçãoadas em todo o comprimento, com ambas as extremidades arredondadas e boleadas corresponde funcionalmente a um alisador/brunidor (Fig. 34, n.º 10).

Enfim, existe um artefacto para o qual não se conhece utilização plausível: trata-se de uma “baguette” totalmente polida e de topos aplanados (Fig. 34, n.º 11). Caso exibisse maiores dimensões, poderia considerar-se como “ídolo cilíndrico”

Os artefactos referidos evidenciam bem a riqueza e variedade da indústria óssea do Outeiro Redondo, tanto no contexto mais antigo que foi possível isolar, pertencente ao Calcolítico inicial, como no mais moderno, do

Calcolítico pleno. Não se evidenciam, tal como em outros contextos estratigrafados, como o estudado do povoado pré-histórico de Leceia, diferenças entre ambos, do ponto de vista tipológico.

A boa conservação dos materiais foi favorecida pela natureza calcária do substrato geológico.

3.3.3. Indústria de pedra lascada

É numerosa e diversificada a indústria de pedra lascada recolhida em 2005, integralmente apresentada. Tal abundância é em parte devida à presença de fontes de matéria-prima situadas na região ribeirinha do

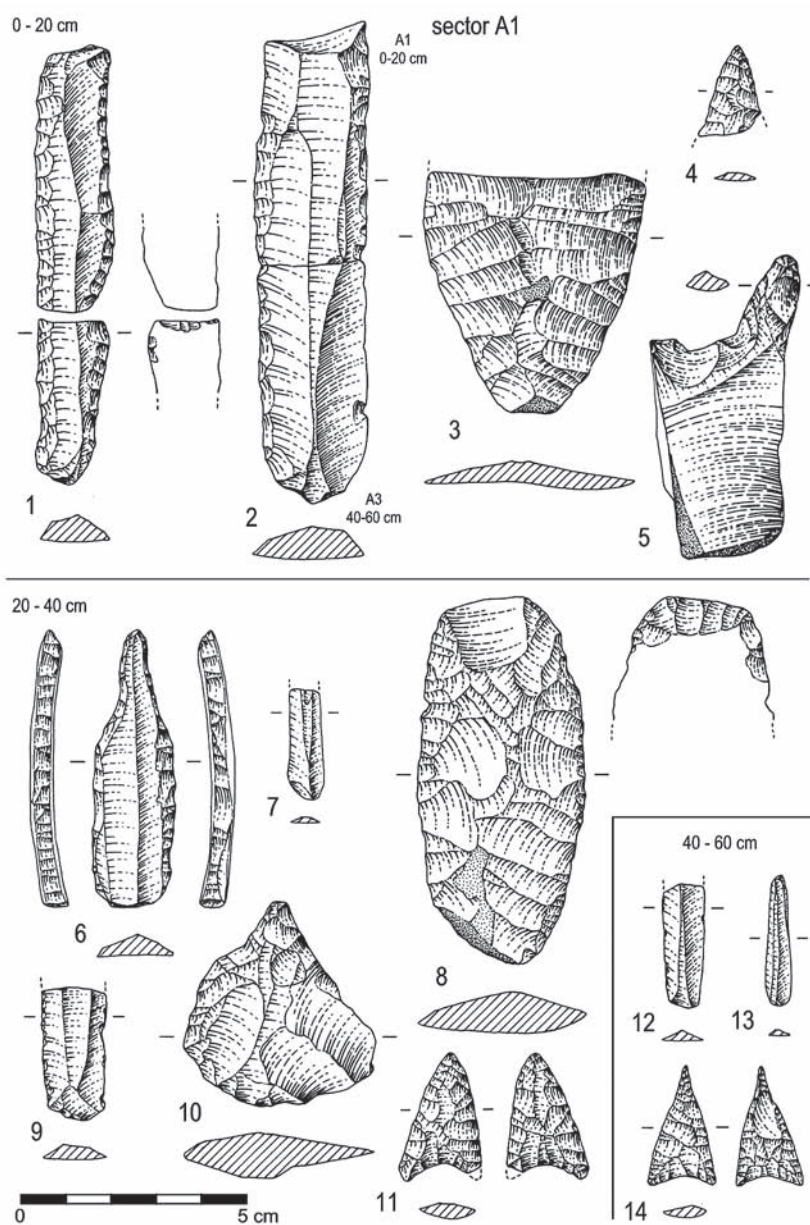


Fig. 36 Outeiro Redondo. Materiais de pedra lascada exumados em 2005.

estuário do Tejo, correspondendo a nódulos e leitos interestratificados nos calcários recifais duros do Cretácico (Cenomaniano Superior); embora em menor grau, o sílex foi igualmente assinalado perto do estuário do Sado, na serra de São Luís, concorrendo talvez para o abastecimento deste núcleo humano; a sua importância económica, à escala regional, pode, assim, ser indirectamente aferida pelo abastecimento de sílex que para ali convergia, em bruto ou já transformado.

No conjunto, a maior quantidade de peças recolhidas nas Camadas 1 e 2 (Calcolítico pleno) face ao conjunto oriundo da Camada 3 (Calcolítico inicial) reflecte a maior área e volume de terras exploradas correspondentes às ocupações mais modernas.

A análise tipológica elementar da utensilagem, inteira ou classificável, integralmente reproduzida nas Fig. 36 a 40, conduziu à identificação dos seguintes grupos artefactuais principais, cuja distribuição de efectivos pelos dois contextos culturais isolados é a seguinte:

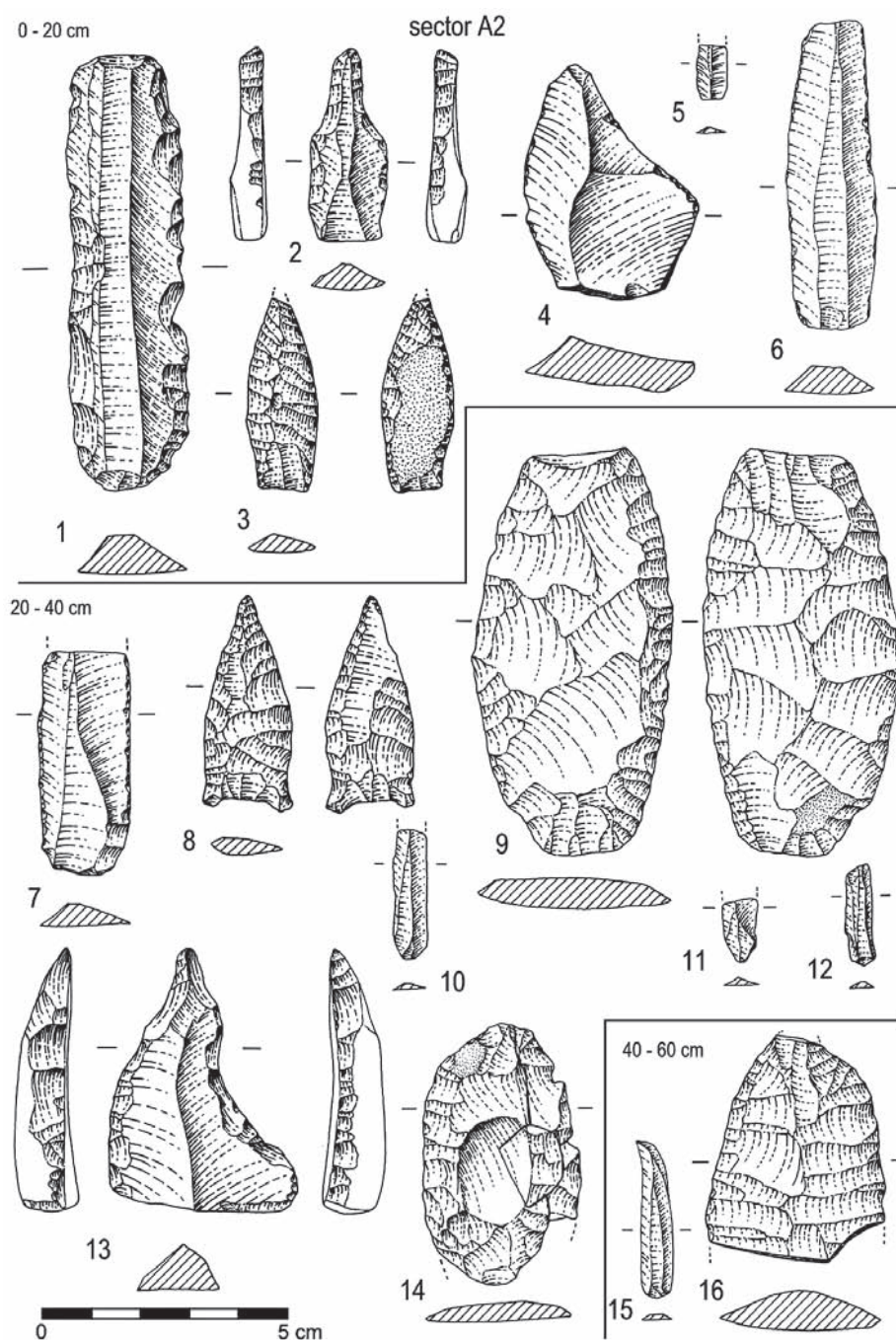


Fig. 37 Outeiro Redondo. Materiais de pedra lascada exumados em 2005.

	Calcolítico inicial	Calcolítico pleno
Lâminas elipsoidais, de retoque plano	1	10
Furadores	1	10
Pontas de seta	4	19
Lâminas	5	13

As lâminas elipsoidais atingem número elevado; tradicionalmente conotadas com o corte de cereais (“foi-cinhas”, na sugestiva designação de A. do Paço), a sua presença, a confirmar-se aquela utilização, que, em qualquer caso, não poderá considerar-se exclusiva, denuncia a prática generalizada da cerealicultura, em terrenos agrícolas adjacentes ao povoado, em particular no sopé da encosta norte, como ainda hoje se verifica. A maioria exhibe um talhe bifacial incompleto, com maior incidência numa das faces, enquanto na outra o trabalho se encontra limitado sobretudo às extremidades, destinado à regularização da peça. Alguns exemplares mostram-se anegrados pelo fogo e com estalamentos térmicos (Fig. 37, n.º 14),

Os furadores são invulgarmente comuns. Estão representados vários tipos, por vezes com a extremidade funcional com intensas marcas de uso, encontrando-se boleadas. Têm paralelo próximo nos exemplares de Leceia, reunidos por Álvaro de Brée, cuja abundância e variedade permitiu a elaboração de classificação tipológica, que permanece válida (Cardoso, 1980, 1981).

Os dois tipos mais comuns correspondem aos exemplares simétricos, em extremidade de lâmina ou de lasca, embora se tenha reconhecido um exemplar de marcada assimetria (Fig. 36, n.º 5). Outro exemplar sugere reaproveitamento a partir de uma peça foliácea (Fig. 36, n.º 10).

Estão também presentes em abundância as pontas de seta, todas de tipos evoluídos, com base côncava ou recta, com destaque para os exemplares mitriformes, que só ocorrem no Calcolítico. Um grande exemplar, em sílex róseo (idêntico à variedade comum na região de Rio Maior) exhibe notável trabalho bifacial, destinando-se certamente à captura de animais de grande porte, ou à guerra (Fig. 39, n.º 4). O estudo neurobalístico dos dispositivos de arremesso destas pontas de projectil está ainda por fazer, sendo de destacar a diversidade de tamanhos e tipologias, certamente relacionados com fins diferenciados (guerra, caça). Note-se que, em Leceia, também se identificaram variedades siliciosas reportáveis à referida área geográfica, apesar de aquela região ser abundante em sílex.

No grupo das lâminas de sílex, em geral com bordos laterais ostentando retoque contínuo, merece destaque um exemplar partido em dois fragmentos, ambos reutilizados de forma independente (Fig. 36, n.º 1), encontrados próximo. Merece destaque a ocorrência de algumas grandes lâminas, com bordos laterais retocados (Fig. 36, n.º 2).

Ocorrem também lâminas de menores dimensões, com bordos laterais pouco ou nada retocados, a par de lamelas simples.

Enfim, deve ainda referir-se, além de lascas em bruto que poderiam ser aproveitadas, sem transformação, como raspadores, um exemplar sobre lasca, com retoques contínuos ao longo dos dois bordos maiores, correspondente a raspador duplo convexo (Fig. 38, n.º 1).

3.3.4. Indústria de pedra polida

Recolheram-se quatro exemplares de pedra polida classificáveis, sendo três machados e uma enxó, todos publicados (Fig. 41, n.º 1, 2, 3, 5). Outro exemplar de corpo achatado e levemente encurvado, deve corresponder a enxó (Fig. 41, n.º 4). Todos pertencem ao tipo de secção rectangular mais ou menos espalmada, possuindo polimento generalizado a toda a superfície. Tais características inscrevem-nos entre as produções tardias destes utensílios, aliás, compatível com os contextos calcolíticos correspondentes, visto que, dos cinco, apenas o exemplar incompleto pertence ao contexto do Calcolítico inicial. Ao contrário do observado na maioria dos exemplares oriundos de povoados, os gumes dos exemplares inteiros apresentam-se intactos, ou com ligeiros sinais de utilização.

A matéria-prima utilizada é, invariavelmente, o anfíbolito, de origem exógena, correspondente a afloramentos da região de Montemor-o-Novo/Avis, na bacia do Tejo, área de abastecimento proposta para o caso de Leceia (Cardoso & Carvalhosa, 1995; Cardoso, 2004a), ou da faixa vulcano-sedimentar, também de idade paleozóica, que se estende entre Castro Verde e Grândola, alternativa proposta para os exemplares de anfíbolito estudados da vizinha Lapa do Bugio (Sesimbra) (Cardoso, 1992), hipótese mais aceitável para os exemplares de grão muito fino, como o da Fig. 41, n.º 4.

A importação destas rochas, no decurso do Calcolítico, pelos habitantes da Estremadura, tanto do Alto como do Baixo-Alentejo – em quantidades proporcionalmente relevantes, já que rochas locais, embora menos adequadas, como os doleritos e outras rochas ígneas filoneanas que ocorrem na própria zona foram totalmente preteridas – foi acompanhada da importação de outra matéria-prima igualmente relevante ao

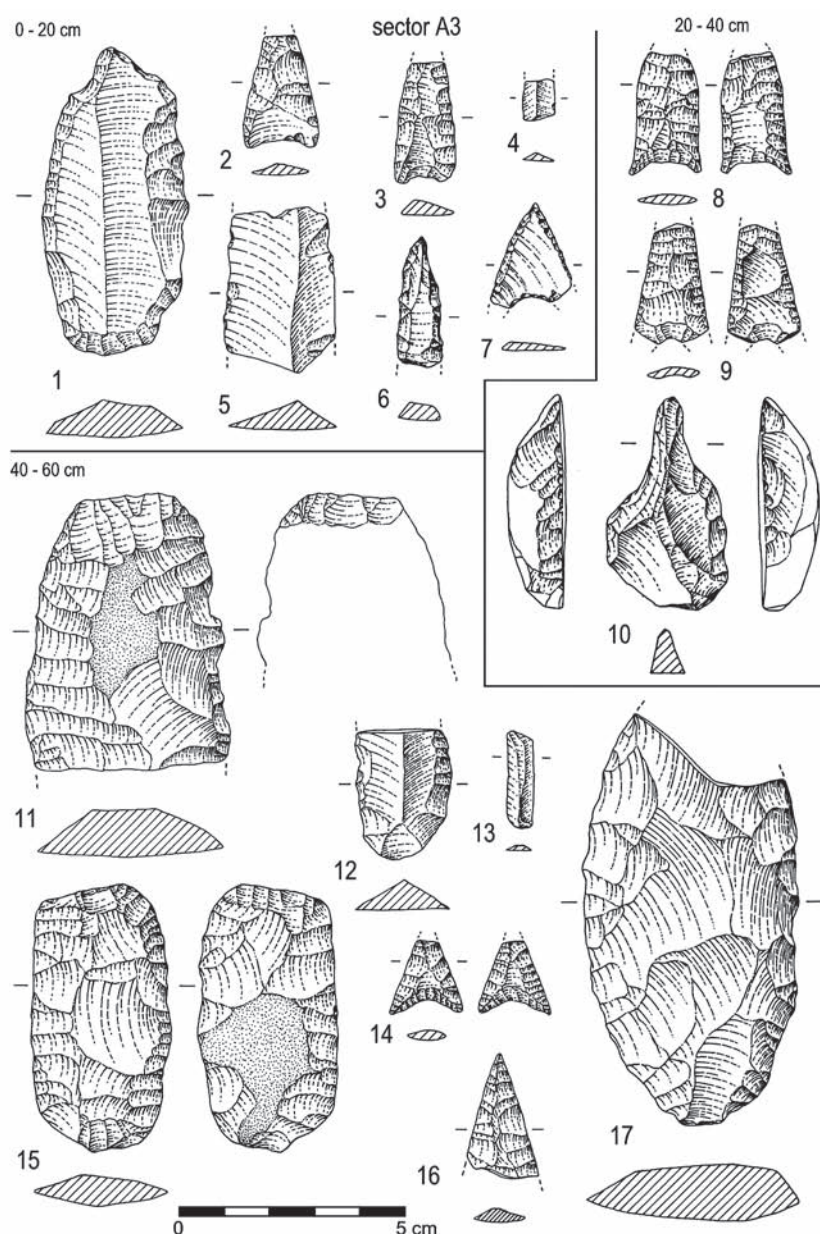


Fig. 38 Outeiro Redondo. Materiais de pedra lascada exumados em 2005.

quotidiano destas populações: o cobre, cujas produções se abordam seguidamente.

3.3.5. Metalurgia do cobre

São abundantes os exemplares metálicos encontrados, ainda que a maioria corresponda, como é usual em povoados congéneres, a pequenos fragmentos de forma irregular, utilizados para refundição. Todos os exumados em 2005 foram desenhados e agora publicados, pelo que se dispensam descrições mais rigorosas.

Uma das peças mais interessantes corresponde a pequeno lingote de cobre, identificado na colecção do Arq. Gustavo Marques, actualmente depositada no

Museu Nacional de Arqueologia, entretanto estudada pelo signatário. A referida peça (Fig. 42), já publicada (Cardoso, 2004b, Fig. 59), tem equivalentes em exemplares de Leceia; documenta o modo de comercialização desta matéria-prima, desde as zonas de produção, até aos locais em que era transformada, em geral, em pequenos artefactos, cujas funções os seus equivalentes líticos desempenhavam de forma menos satisfatória. As escavações realizadas em 2005 no Outeiro Redondo permitiram a recolha de diversas destas peças: trata-se de pequenas lâminas de fio cortante (facas), folhas de serrote e anzóis, a par de objectos deformados e de uso indeterminado (Fig. 43). Merece destaque a presença de serrotes (Fig. 43, n.º 7, 8), que indiciam a existência de

matos (mais do que árvores, que não poderiam ser abatidas com o recurso a tais peças), objecto de cortes frequentes, bem como a existência de um anzol (Fig. 43, n.º 4, 6), idêntico a exemplares recolhidos em Leceia (Cardoso, 2003c, Fig. 30) e no povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal), em maior número (Gonçalves, 1971, Est. XXVI, n.º 2), denunciando a forte ligação com a pesca no estuário do Sado e no litoral adjacente, onde se integra o trecho sesimbrense.

Como tem sido referido pelo signatário, em Leceia, a generalização da metalurgia do cobre só se afirma plenamente no Calcolítico pleno (Cardoso, 1997, 1998),

correspondente à presença das cerâmicas com decorações em “folha de acácia” e em “crucífera”. O mesmo sucede na presente situação, em que se observa ser a presença de materiais metálicos exclusiva das Camadas 1 e 2, conotadas com o Calcolítico pleno, como anteriormente se mencionou.

3.3.6. Restos faunísticos

Foram recolhidos abundantes restos faunísticos ainda em estudo, incluindo, sem prejuízo das espécies domésticas usuais (ovino/caprinos, suídeos e boví-

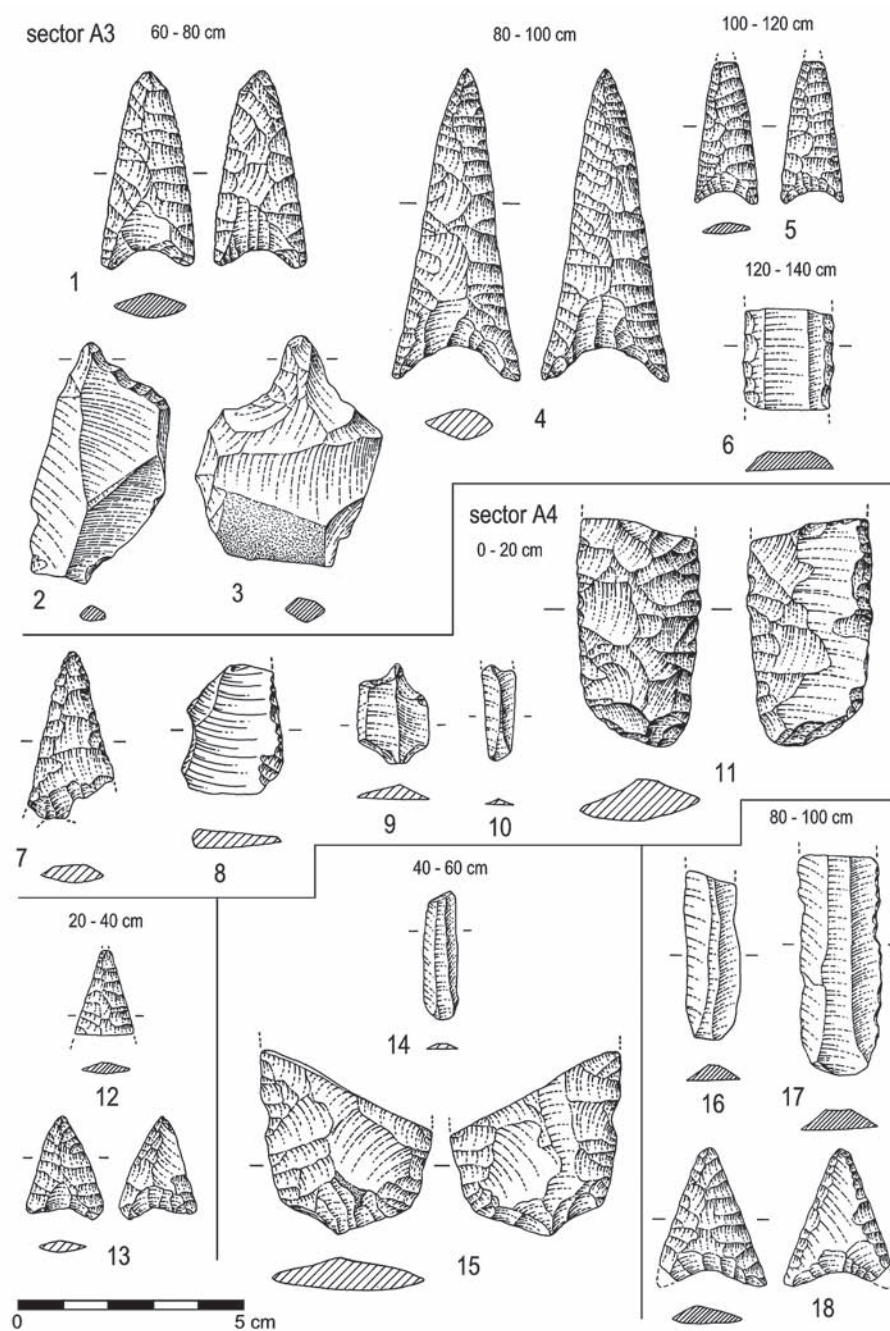


Fig. 39 Outeiro Redondo. Materiais de pedra lascada exumados em 2005.

deos), diversas espécies selvagens como o veado, o javali e o auroque. A esta última espécie pertencem grandes elementos cuja relativa abundância contrasta com o panorama conhecido na região ribeirinha a norte do Tejo, para a mesma época (Leceia).

Por outro lado, a relação com o litoral oceânico adjacente, a menos de 2,0 km de distância era, como seria de esperar, intensa: além de alguns artefactos a denunciarem directamente, como é o caso dos anzóis de

cobre acima referidos, importa valorizar a presença abundante de restos de moluscos de carácter marinho (lapas, burriés, pé-de-burro, vieiras, mexilhões, etc.), por vezes formando acumulações estratiformes importantes e com significativa continuidade lateral, como a encontrada por baixo da Entrada B1, em nível pré-fortificação. Tais acumulações correspondem a despejos efectuados directamente nas imediações das áreas ocupadas, denunciadas, no caso, pela Lareira A.

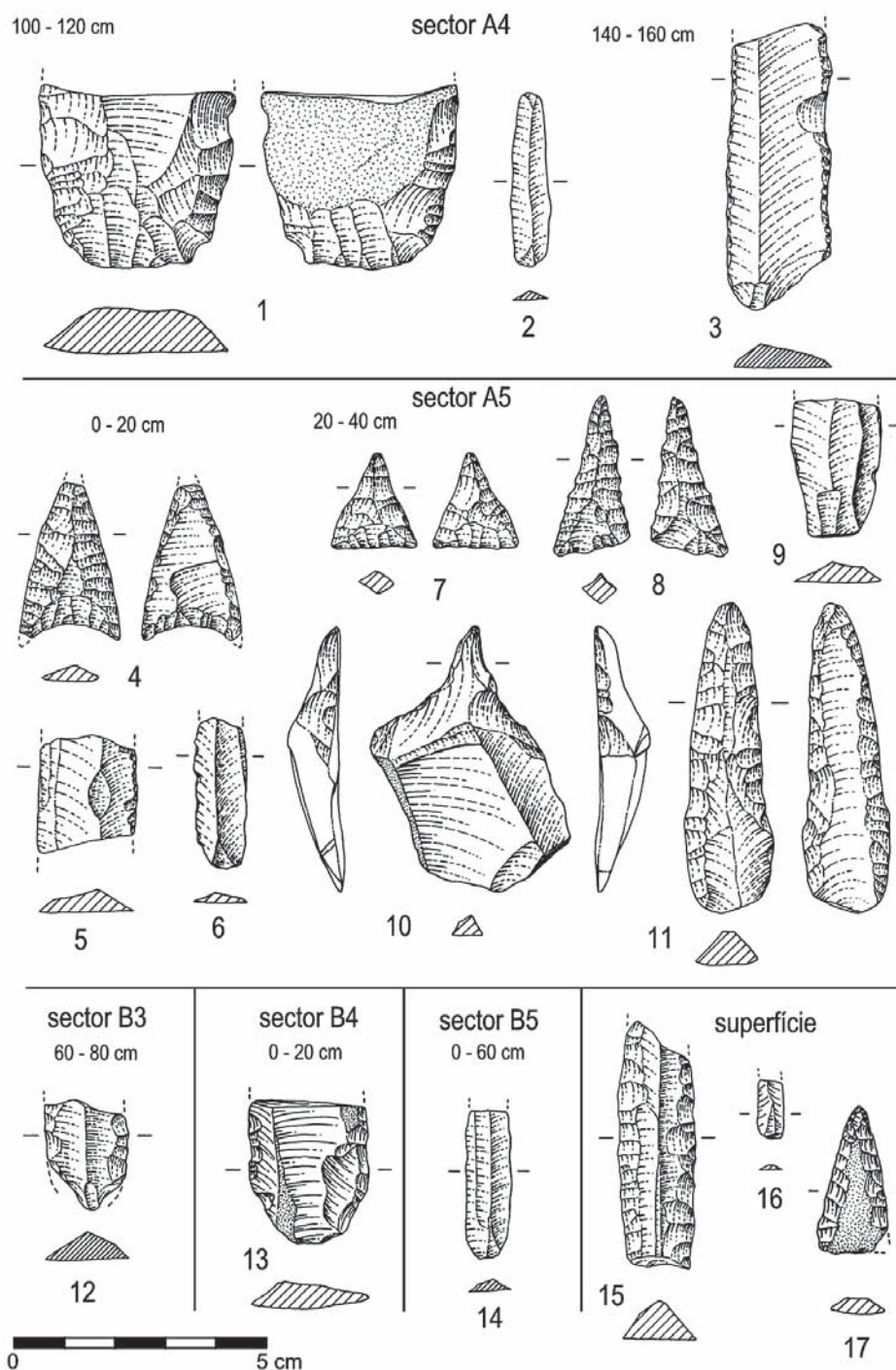


Fig. 40 Outeiro Redondo. Materiais de pedra lascada exumados em 2005.

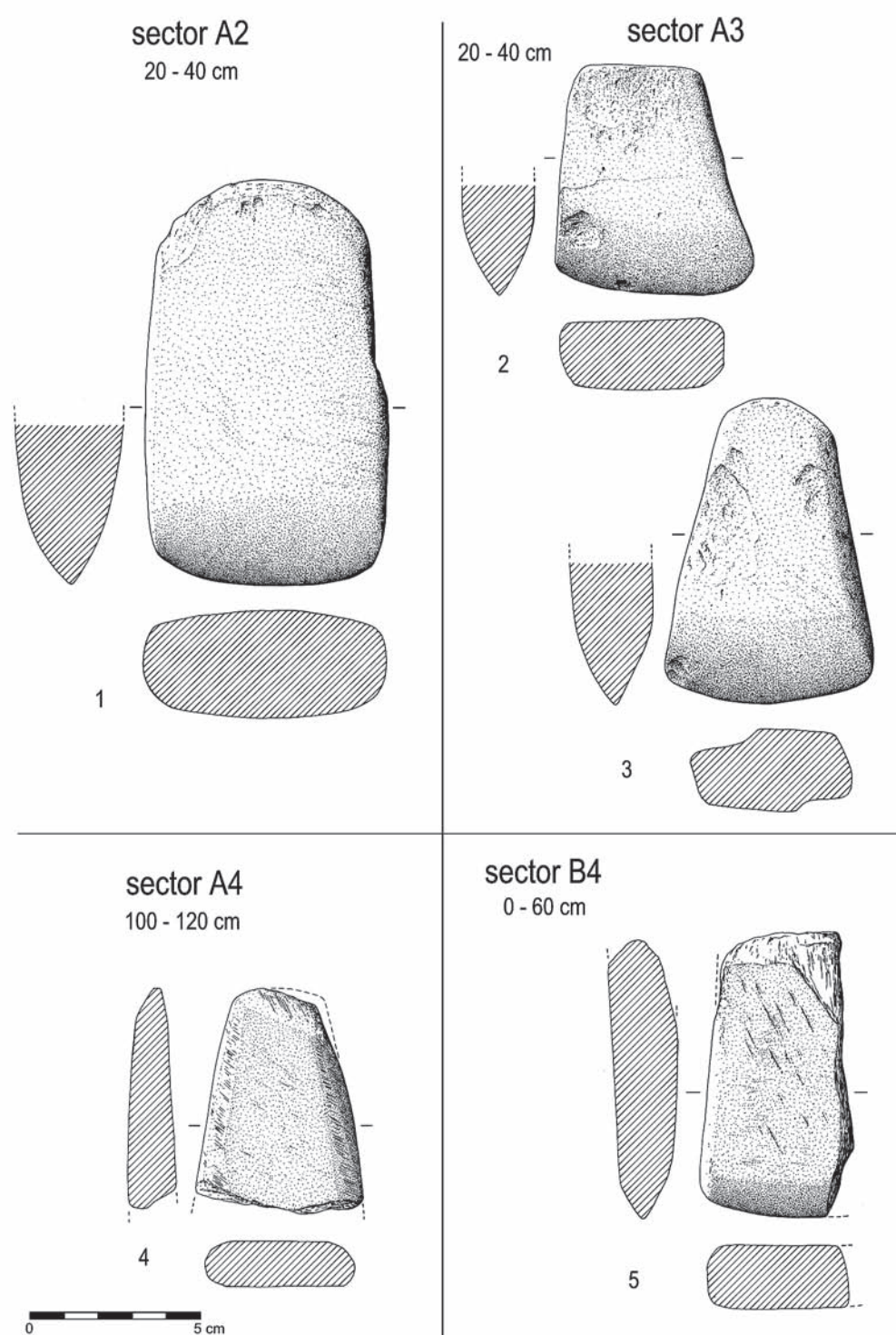


Fig. 41 Outeiro Redondo. Materiais de pedra polida exumados em 2005.

4. Conclusões

Do exposto, tendo presente: a) a sequência estratigráfica apresentada; b) a análise do respectivo conteúdo arqueológico; e c) a identificação de um importante dispositivo defensivo, cuja época de construção foi possível situar no quadro da sequência cultural decorrente da estratigrafia identificada, resulta a conclusão de ser

o Outeiro Redondo um dos mais interessantes sítios fortificados do Calcolítico da Estremadura e de constituir um dos mais promissores locais para o conhecimento das comunidades sedeadas, no decurso do 3.º milénio a.C., na Baixa Estremadura, justificando-se plenamente a continuação dos trabalhos de escavação encetados em 2005.

Avultam as seguintes conclusões:



Fig. 42 Outeiro Redondo. Lingote de cobre recolhido por Gustavo Marques.

1. Presença de uma fortificação constituída pelo menos por uma linha muralhada, correspondendo apenas a uma fase construtiva, integrando um pano rectilíneo e um bastião de planta curvilínea, protegendo externamente uma entrada, sob a forma de pequena barbacã avançada; a área escavada em 2005 permitiu verificar que a fundação deste dispositivo defensivo se efectuou na Camada 2, com materiais do Calcolítico pleno. Deste modo, a sua construção deve reportar-se a esta fase cultural, o que implica uma curta vida útil do sector dispositivo defensivo até agora identificado, visto que os materiais arqueológicos mais modernos – exceptuando dois fragmentos de cerâmicas campaniformes, que podem até ser dela coevos – não ultrapassam aquela época.

Esta conclusão tem o maior interesse, por vir demonstrar que, ao contrário de Leceia – povoado para o qual se dispõe até ao presente dos elementos mais completos e credíveis sobre a sucessão construtiva verificada em uma complexa fortificação calcolítica da Estremadura (Gonçalves, 2000/2001) – ainda no decurso do Calcolítico pleno se construíam na Estremadura sectores defensivos de raiz, no caso por certo ocupado por curto período de tempo.

2. Existência de uma importante sequência estratigráfica, abarcando o Calcolítico inicial (Camada 3) e o Calcolítico pleno da Estremadura (Camada 2). O campaniforme está apenas seguramente representado por dois fragmentos, oriundos da camada superficial da referida sequência. A integração cultural das referidas camadas foi feita com recurso à distribuição estatística dos exemplares cerâmicos mais caracterís-

ticos, confirmando-se o modelo em vigor para o faseamento do Calcolítico da Estremadura.

3. Apesar de, da metalurgia do cobre, não haver indícios, são de cobre algumas peças de tamanho significativo; a tais peças junta-se um interessante lingote de cobre, com paralelos em outros povoados calcolíticos da Estremadura (Leceia, Outeiro de São Mamede (Zambujal); por outro lado, todos os artefactos de pedra polida são de anfibólito, matéria prima que, tal como o cobre é de origem alentejana.

Tais peças demonstram a inclusão do povoado do Outeiro Redondo numa rede de trocas transregionais de matérias-primas, a par do sílex, cuja fonte de abastecimento principal se encontrava nos calcários cretácicos imediatamente a norte do estuário do Tejo, situação que bem evidencia a importância económica da região, no decurso do Calcolítico inicial e do Calcolítico pleno.

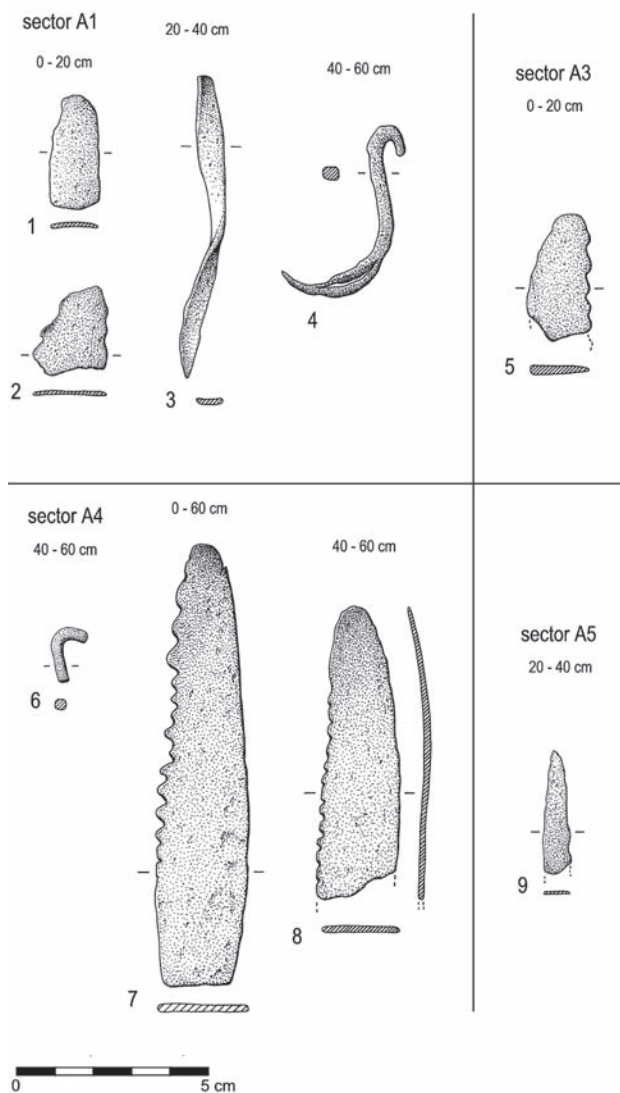


Fig. 43 Outeiro Redondo. Materias de cobre exumados em 2005.

Como objectivos prioritários de prosseguimento dos trabalhos no decurso de 2006, salientam-se os seguintes:

- continuação da escavação em extensão, tanto para o lado nascente, como para o lado poente da área escavada em 2005, com o objectivo de continuar a definição arquitectónica da fortificação que se sabe prolongar-se em extensão lateralmente, até pelos testemunhos que, do lado nascente, dela se evidenciam à superfície, configurando uma outra linha defensiva, evidenciada por alinhamento com mais de 20 m de comprimento de grandes blocos;
- realização de cortes estratigráficos em locais mais propícios e execução em extensão da escavação até o substrato geológico, tendo por objectivos essenciais identificar a organização do espaço habitado no decurso do Calcolítico inicial, anteriormente à edificação da fortificação, cuja importância é evidenciada pela quantidade e diversidade dos materiais exumados.

Lisboa, Maio de 2006

- * Prof. Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).
Fotos do Autor. Desenhos de Filipe Martins.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1980) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (1.ª Parte). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1981) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (2.ª Parte). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, p. 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1992) - A lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado pré-histórico*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial).
- CARDOSO, J. L. (1997) - *O povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1998) - Copper metallurgy and the importance of other raw materials in the context of chalcolithic economic intensification in Portuguese Estremadura. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 93-105.
- CARDOSO, J. L. (2001) - A ocupação dos territórios e a exploração dos recursos na península de Setúbal, do Paleolítico ao Bronze final. *Colóquio Arqueologia e História Regional da península de Setúbal (Seixal, 1999)*. Actas. Lisboa: Universidade Aberta, p. 19-47.
- CARDOSO, J. L. (2003a) - Ainda sobre os impropriamente chamados "ídolos de cornos" do Neolítico final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-madan*. Almada. Série II, 12, p. 77-79.
- CARDOSO, J. L. (2003b) - A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 25-84.
- CARDOSO, J. L. (2003c) - *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2004a) - Polished stone artefacts at the prehistoric settlement at Leceia (Oeiras). *Madrid Mitteilungen*. Mainz. 45, p. 1-32.
- CARDOSO, J. L. (2004b) - *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2009) - O povoado pré-histórico do Outeiro Redondo (Sesimbra): resultados das escavações efectuadas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17 (no prelo).
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (2003) - O povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 97-228.
- CARDOSO, J. L.; CARVALHOSA, A. de B. (1995) - Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 123-151.
- CARDOSO, J. L. [et al.] (1986) - A jazida da Idade do Bronze final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*. Lisboa. Série II, 15, p. 3-18.
- FERREIRA, O. da V.; SILVA, C. T. da (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar. *I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Actas. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 203-225.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) - Olelas e Pragança. Duas fortificações calcolíticas da Estremadura. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, p. 31-40.
- GONÇALVES, J. L. M. (1994) - Castro da Columbeira - uma primeira fase do Calcolítico médio estremenho? *Al-madan*. Almada. Série II, 4, p. 5-7.
- GONÇALVES, V. S. (1971) - *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- MARQUES, M. G. (1967) - Castro eneolítico de Sesimbra - Notícia do seu achado. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra. 1, p. 10-21.
- PAÇO, A. do (1960) - Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, p. 105-117.
- SILVA, C. Tavares da (1971) - O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação. 1, p. 175-192.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1974/1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 102-112.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da; BARROS, L. (1979) - Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana, Sesimbra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 47-65.